



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO E
DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Diwlay Bacelar Marinho

**NO MUNDO DAS PALAVRAS: experiências poéticas de linguagem na
Educação Básica**

Santa Cruz do Sul
2024

Diwlay Bacelar Marinho

**NO MUNDO DAS PALAVRAS: experiências poéticas de linguagem na
Educação Básica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado; Área de Concentração em Educação; Linha de Pesquisa Linguagem, Experiência Intercultural e Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Regina Simonis Richter.

Santa Cruz do Sul
2024

CIP - Catalogação na Publicação

Marinho, Diwlay Bacelar.

No mundo das palavras : experiências poéticas de linguagem na Educação Básica / Diwlay Bacelar Marinho. – 2024.

104 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Dra. Sandra Regina Simonis Richter.

1. Experiência. 2. Literatura. 3. Linguagem. 4. Educação Básica. 5. Narrativa. I. Richter, Sandra Regina Simonis. II. Título.

Diwlay Bacelar Marinho

**NO MUNDO DAS PALAVRAS: experiências poéticas de linguagem na
Educação Básica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado; Área de Concentração em Educação; Linha de Pesquisa Linguagem, Experiência Intercultural e Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Aprovada em: ____/____/____

Dra. Sandra Regina Simonis Richter
Professora Orientadora – UNISC

Dra. Ângela Cogo Fronckowiak
Professora Examinadora – UNISC

Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho
Professor Examinador – UESPI

À força criadora da Palavra, que no princípio era o Verbo e o Verbo era Deus.

AGRADECIMENTOS

As palavras sempre tiveram um contexto muito mais que transcendente para mim. Nesta seção, retiro-as do plural e as coloco no singular. Palavra, palavra viva. Assim, agradeço a fonte criativa divina, Deus, pela oportunidade de poder narrar em pesquisa experiências para que ilumine outros caminhos.

Agradeço singularmente à minha família, em especial, aos meus pais, Tertuliano Marinho e Maria Odete Bacelar, pelo apoio incondicional e constante. Sou grata por gestarem em mim o desejo pelas palavras e por compartilharem em família, os “causos” mais divertidos das suas experiências de vida. Os meus pais são exemplos de vida em constância, inspiração, persistência e amor.

Sou grata aos meus irmãos e irmãs, que me apoiaram, acreditaram, incentivaram e sonharam, sempre estando por perto. O amor que emana de vocês aquece meu coração e me impulsiona. O que eu seria sem esse apoio? Em especial, às minhas irmãs Márcia, Liana e Anak, que contribuíram em leituras e escutas das minhas criações artísticas e poéticas.

Penso que escrever sobre o impacto que as palavras “causaram” em mim, contribuiu para que repensasse as narrativas do meu “eu” em outros “eus” e os outros “eus” que passaram por mim. Sou agradecida a todos aqueles mundos que passaram por mim, e que me atravessaram nessa jornada. Dentre tantos, às minhas professoras do ensino básico, que abriram as portas das suas bibliotecas particulares.

Meu coração é grato aos amigos e amigas que encontrei ao longo da vida e que, compreensivamente, estiveram torcendo pela gestação desta escrita, entre o dito e o não dito, entre os silêncios encorajadores e a quebra destes por palavras de poder. Há neles a compreensão do poder das palavras.

Sou agradecida, também, aos meus alunos que depositam confiança no meu trabalho de ser professora e que contribuíram para o surgimento desta narrativa.

Agradeço às minhas amigas professoras pelas prosas, dedicação e acolhimento.

Sou grata também à Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP) e ao Colégio Nossa Senhora de Fátima (CONSEF), em especial à professora Ma. Nony Braga, por oportunizar uma educação de qualidade para a Região do Baixo Parnaíba.

À turma do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGEdu, em especial à Linha de Pesquisa Linguagem, Experiência Intercultural e

Educação, das trocas realizadas nos Grupos de Pesquisa “Estudos Poéticos: Educação e Linguagem” e Educação e Poética, pessoas que se tornaram amigas e muito importantes para esta caminhada.

Aos meus professores do Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação de Santa Cruz do Sul: Cláudio José de Oliveira, Mozart Linhares, Éder Silveira, Moacir Viegas, Ana Luisa Teixeira e Ângela Fronckowiak. Cada um contribuiu para a minha formação como educadora na pesquisa, a ver o mundo com olhos mais perspicazes. Com efusiva gratidão, elevo o respeito e a honra ao trabalho desenvolvido por cada um.

À Banca Examinadora da qualificação, composta pelos professores, Ângela Fronckowiak e Felipe Gustsack e ao professor Diógenes Buenos Aires, incluído ao grupo no momento da defesa da dissertação que contribuíram, significativamente, para a possibilidade desta pesquisa, pela escuta, pelo cuidado, pela humanidade e pela disponibilidade em abraçarem e acreditarem na proposta dessa escrita.

Minha gratidão e carinho à minha querida orientadora, Profa. Dra. Sandra Richter, por sua incansável dedicação, sabedoria, força, humanidade e exemplo de educadora. Aprendi muito nesses dois anos de convivência, em que fui guiada para o caminho da pesquisa e de estar em pesquisa. Muito obrigada, professora.

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens

Hannah Arendt

RESUMO

Esta dissertação é um estudo narrativo de experiência de linguagem poética no Município de Chapadinha, localizado no Interior do Maranhão. O interesse pela pesquisa foi gestado nas inquietações em interrogar a palavra poética no frágil encontro entre escola e a dimensão poética de linguagem poética. No intuito de compreender a presença da palavra poética no Colégio Nossa Senhora de Fátima (CONSEF), a escrita parte da descrição fenomenológica da aproximação entre Educação e Literatura nos Anos Finais do Ensino Fundamental. A problematização surge da compreensão da importância das experiências que palavras e imagens proporcionam para a produção de sentidos de ser e estar no mundo. Qual lugar ocupa a experiência poética no espaço e tempo da sala de aula e da escola? Como tornar possível espaços para a vivência poética na escola como experiência literária? Esta escrita nasce da experiência de docência, no ensino do componente curricular Língua Portuguesa, ao longo de 7 anos no Ensino Fundamental em uma escola da rede particular. O estudo teve a intencionalidade de narrar a experiência docente com foco nas experiências propiciadas, pela Exposição PalavrArte, produzida e realizada pelos alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental em 2022. A metodologia segue a perspectiva descritiva para narrar o sentido de interrogar a palavra poética na escola de Educação Básica como proposta de viver a experiência da palavra vivenciada no espaço e tempo da escola e sobre o que podemos ser no mundo, o que podemos aprender, dizer, contar e escrever. Essa perspectiva é sustentada pelo diálogo com Merleau-Ponty (2018), Paul Zumthor (2018), Tzvetan Todorov (2021), Élie Bajard (2014), Cecilia Bajour (2012), Graciela Montes (2020), Jorge Larrosa (2018), Paulo Freire (2011), e José Contreras (2010), os quais possibilitaram abordar o encontro entre literatura e a escola como um entrelace entre leitura e os conhecimentos vividos, expondo a importância do texto poético na escola como atenção à experiência de mundo.

Palavras-chave: experiência; literatura; linguagem; Educação Básica; narrativa.

ABSTRACT

This dissertation is a narrative study of the experience of poetic language in the Municipality of Chapadinha, located in the interior of Maranhão. The interest in this research emerged from the concerns of questioning poetic language in the fragile encounter between school and the poetic dimension of language. In order to understand the presence of poetic language at Colégio Nossa Senhora de Fátima (CONSEF), the writing begins with a phenomenological description of the intersection between Education and Literature in the final years of Elementary Education. The issue arises from understanding the importance of the experiences that words and images provide for the construction of meanings related to being and existing in the world. What role does poetic experience play in the space and time of the classroom and the school? How can we create opportunities for the poetic experience in the school as a literary experience? This writing stems from my teaching experience in the Portuguese Language curriculum component over seven years in Elementary Education at a private school. The study aimed to narrate the teaching experience with a focus on the experiences provided by the 'PalavrArte' exhibition, produced and presented by ninth-grade students in 2022. The methodology follows a descriptive perspective to narrate the meaning of questioning poetic language in the context of Basic Education as a proposal to live the experience of language within the space and time of the school, reflecting on what we can be in the world, what we can learn, say, narrate, and write. This perspective is supported by the dialogue with Merleau-Ponty (2018), Paul Zumthor (2018), Tzvetan Todorov(2021), Élie Bajard (2014), Cecilia Bajour (2012), Graciela Montes(2020), Jorge Larrosa (2018), Paulo Freire (2011), and José Contreras (2010), who allowed for the exploration of the encounter between literature and the school as an intertwining of reading and lived knowledge, emphasizing the importance of poetic texts in school as a means of paying attention to the experience of the world.

Keywords: experience; literature; language; Basic Education; narrative.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Imagem 1 - Aula da disciplina Pesquisa e Aprendizagem - UNISC/RS	23
Imagem 2 - Oficina de Leitura e Escrita Criativa	35
Imagem 3 - Palavras geradoras para a prática da composição poética	36
Imagem 4 - Organização e estruturação escrita poética	37
Imagem 5 - Culminância da disciplina eletiva PalavrArte	38
Imagem 6 - Oficina <i>A produção de textos de alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental</i> , no VI Fórum de Educação do Baixo Parnaíba.....	39
Imagem 7 - Capa do E-book Poesia, Palavra Viva	40
Imagem 8 - Lançamento do E-book Poesia, Palavra Viva.	41
Imagem 9 - Apresentação do E-book Poesia, Palavra Viva	41
Imagem 10 - Poema Gabriela	42
Imagem 11 - Exposição Poesia Palavra Viva.....	43
Imagem 12 - Exposição Poesia Palavra Viva no Colégio Nossa Senhora de Fátima - CONSEF	43
Imagem 13 - Banner da Exposição PalavrArte.....	46
Imagem 14 - Poesia produzida a partir dos temas geradores	49
Imagem 15 - Exposição das poesias e telas.	51
Imagem 16 - Acadêmicos do Curso de Letras visitam Exposição de Poesias dos alunos do CONSEF.....	80
Imagem 17 - Exposição de poesias desenvolvidas ao longo das aulas de Língua Portuguesa e exposta no Dia Mundial da Poesia.....	82
Imagem 18 - Produções poéticas dos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental Ensino Fundamental	84
Imagem 19 - Professores em formação apreciam as produções poéticas.....	85
Imagem 20 - Poesia “Nos olhos azuis”	85
Imagem 21 - Poesia “Beleza”	86
Imagem 22 - Poesias reunidas.....	86
Imagem 23 - Acadêmicos do Curso de Letras prestigiam a Exposição de produções textuais dos alunos do CONSEF.....	89
Imagem 24 - Miniconto criativo “O segredo da Emília”	90
Imagem 25 - Exposição sobre os grandes autores da Literatura Infantil.....	91

Imagem 26 - Exposição de produções textuais dos alunos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola CONSEF.....	92
Imagem 27 - Encenação de clássicos histórias da Literatura Infantil.....	93
Imagem 28 - Encenação da obra “O menino Maluquinho”, de Ziraldo.....	94
Imagem 29 - Tela em tinta guache alusiva à obra O Mercador de Veneza, de William Shakespeare exposta no Dia Mundial do Livro.	96
Imagem 30 - Decoração alusiva ao Dia Mundial do Livro.	96
Imagem 31 - Exposição sobre as mais conhecidas obras de William Shakespeare.	97
Imagem 32 - Apresentação da poesia publicada na Coletânea Poetize 2024.	98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CONSEF	Colégio Nossa Senhora de Fátima
FAP	Faculdade do Baixo Parnaíba
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MINTER	Mestrado Interinstitucional
PROUNI	Programa Universidade para Todos
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão

SUMÁRIO

1	A DESCOBERTA ENQUANTO CAMINHO.....	14
1.1	A jornada de encontrar-se consigo mesmo na pesquisa.....	20
2	A EXPERIÊNCIA COMO PONTO DE PARTIDA	34
2.1	Experiências poéticas de linguagem na Educação Básica.....	45
3	EXPERIÊNCIA: é sobre estar no mundo, o mundo das palavras	54
3.1	Experiência e corpo no mundo	56
4	LINGUAGEM POÉTICA: palavra viva	60
5	A ESCOLA E A POESIA.....	68
5.1	A poesia.....	71
5.2	Encontro com a poesia na escola	73
6	OS CAMINHOS NÃO SE ENCERRAM EM NÓS.....	79
6.1	Entrelace entre a leitura e o vivido como experiência de mundo.....	99
	REFERÊNCIAS	102

1 A DESCOBERTA ENQUANTO CAMINHO

Sussurros

Vozes veladas farfalhadas
 Carregadas
 Vagarosas
 Também eufóricas
 Em movimento constante
 Em cada passo confiante
 Com raízes fincadas e flexíveis
 Entregues ao mover
 Ao entender
 O que é estar no mundo
 Experimentar o tempo
 Que cura, renova a cada ciclo
 Respeitar
 Estações,
 Momentos.
 E tem a ver com as nossas vivências e experiências
 Pesquisar não seria compreender
 O quê,
 O ser,
 E o estar no mundo?
 Seria olhar ao seu redor
 Seria perscrutar o seu interior?¹

Marinho (2023).

Com o poema autoral “Sussurros”, rememoro em palavras e início esta escrita, na qual intencionei traduzir a minha introdução ao mundo das palavras. Através da experiência de me reconhecer no mundo das palavras, vivenciada ao longo da vida, e de realmente me encontrar no mundo das palavras. No decorrer destes dois anos de mestrado ao imergir nos estudos para essa pesquisa e de me (re)encontrar com o mundo, e no mundo das palavras, me sobreveio a importância da vivência poética na escola.

A escrita dos versos: “As coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão. Mas as coisas findas muito mais que lindas, essas ficarão”, do poema “Memórias”, de Carlos Drummond de Andrade, persegue-me como lembrança das vivências. Com esse trecho reverbera a influência que as palavras repercutiram em minha existência. Não apenas as coisas palpáveis, ali diante dos olhos, mas a imensidão que as palavras desencadeiam em nós, como passaporte para o mergulhar em águas profundas do viver, que nos elevam e nos levam às reflexões profundas sobre o sentido das coisas, coisas que os olhos captam a partir da luz e as transforma

¹ Poema produzido pela autora na disciplina Pesquisa e Aprendizagem em Educação como experiência de pensamento, a partir do vivido em pesquisa.

em imagens e, como aquelas que cabem e não cabem em nós, essas que não podem ser tocadas, mas sentidas, que de tal forma sacode a nossa estrutura de ser humano e de viver. Em outras palavras, ser e estar no mundo.

Para essa intensidade que as palavras produzem em nós, os pensamentos em palavras, as palavras que compõem mundos, mundos que encontramos em livros, a literatura seria essa urgência em dizer. E ousou usar a efusiva afirmação de Todorov (2021, p. 23) em *A literatura em perigo*: “Hoje se me pergunto porque amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver”. E a literatura possui esse poder, que nos incita a vivenciar experiências, como um pulmão procura ar para manter um ser vivo. A literatura seria esse combustível da vida cotidiana, que nos perpassa a ponto de conceber no universo de existência.

As palavras, os livros e as interações com arte e poesia estiveram comigo, desde as minhas primeiras descobertas. Antes de conhecer as letras, como elas se apresentam em seus traços característicos e marcantes, formando as palavras, ouvir foi minha iniciação ao mundo das letras, a contação de histórias bíblicas e outras pelos meus pais e irmãos mais velhos. Logo, quase prematuramente, as palavras me encontraram. Assim, como a arte das palavras chegou até mim, quis eu transformá-las em imagens, talvez seja essa iniciação e associação, que me levou a narrar minhas experiências na docência, que mais adiante serão apresentadas. O desenho, as criações que brotavam durante a minha infância, o brincar com as palavras já faziam parte desse meu universo particular. A leitura para mim foi entremeada de esforços para conhecer o universo das letras em uma terna idade. Tento aqui apresentar as narrativas que me trouxeram ao momento na escrita desta dissertação.

Acredito que as palavras se caracterizam como uma das artes mais bonitas do dizer e do não dizer. Sempre pensei que as palavras são memórias que, quando escritas ou não escritas, ficam em nós, sob e sobre a nossa pele, inteiradas em nós, feitas de nós. Um nó de nós em várias camadas, impregnadas dos ventos, das brisas, do ar que nos faz vivos e que, também, mantêm as lembranças para os outros do que já fomos um dia. Penso que escrever sobre o impacto que as palavras “causaram” em minha jornada de três décadas nesta galáxia contribuiu para que repensasse as narrativas do meu “eu” em outros “eus” e os outros “eus” que passaram por mim. Retorno a Todorov (2021, p. 23), quando diz que:

Somos todos feitos do que outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.

Aos que passaram por mim, primeiramente retorno à minha terna infância a um seio familiar, onde o ar respirado evocava o cheiro de papel, miolos que compunham livros, revistas, periódicos etc., atento a mencionar, também, a arte e a música. Neste exato momento, ao lembrar, viajo ao passado e vejo uma menininha sentada no chão de sua casa com suas três irmãs, recortando letras e colando em papéis em branco; em outro recorte vejo uma menina já grandinha, rabiscando uma folha em branco que, logo depois, tornar-se-á um lindo desenho de um ursinho vermelho, personagem de um livro inesquecível para ela; em outro momento, da janela temporal vejo a mesma criança sentada em uma cadeirinha, tentando ler sozinha pela primeira vez. Balbuciando as palavras e, encantadoramente, conseguindo emitir sons e colocar sua voz nelas. Este, talvez seja o fato mais marcante da minha vida, pois ainda recordo a intensidade em querer entender aquelas linhas, e depois de um certo tempo, simplesmente compreendê-las. Mas, dentre tantas memórias que envolvem as palavras ditas, há uma não dita, mas sentida, no quadro está uma família reunida, lendo um texto bíblico e cantando juntos.

Nesse cenário, reflito que o mundo a nós agraciado contribui para o que somos e para a ampliação dos nossos quereres. Não faço essa afirmação com o intuito de dizer que esse cenário é o único modo pelo qual a cultura possa chegar até uma criança, pois há situações que fogem a essa perspectiva e que abraçam tantas outras crianças e as apresentam ao mundo da literatura. O que pretendo, ao ilustrar esse quadro familiar, é descrever a importância desse ambiente para a minha construção e aproximação com o mundo das palavras, e o anseio por se aprofundar nelas ao desenrolar da vida. Acredito que a cultura do ouvir e do ler, do apreciar as artes, proporcionam uma vivência que estimula os mundos de que fazemos parte e daqueles que criamos e nos torna mais humanos.

Neste cenário recheado de palavras, eu cresci. Viver em um ambiente familiar em que a leitura fazia parte do cotidiano aguçou em mim a percepção para o poder emitido pelas letras. Esse percurso das minhas vivências e experiências no campo das letras teve início quase no começo dos anos de 1990. O crescimento em

uma família que cultivava o hábito de ler me proporcionou os primeiros contatos com os livros, pelos quais desenvolvi a paixão pela leitura, pela escrita e pelas artes, nisso ousou poder fazer uso das palavras de Todorov (2021, p. 23), sobre a dimensões de reflexões, que a literatura me levou, de modo “[...] que a literatura, esses textos me faziam descobrir dimensões incógnitas do mundo, me tocavam e me incitavam a pensar”. As palavras do autor, me leva as percepções da minha tenra infância e a perceber a importância de um ambiente de leitura, para a criação do imaginário.

Ao longo da vida escolar e na vida religiosa, estive intensamente envolvida com a produção poética e artística. Ainda na adolescência, abri minha tímida biblioteca para um grupo de colegas e amigos. E, mais tarde, passamos a nos reunir como grupo de leitura para ler e conversar. Hoje, percebo o quão estimulante é o efeito que a leitura causa em nós, atravessando e chegando aos outros. Mesmo sem a compreensão que tenho hoje sobre a importância de dar e escutar a palavra que as rodas e clubes de leitura proporcionam, amparo-me no discurso da Bajour (2012, p. 22):

Dar e escutar sobre o lido [...] seria objetivar o pensamento, torná-lo visível para si mesmo e para outros. É como escrever a leitura ‘em voz alta’ e como se outros a vivenciassem como parte do texto que nossas cabeças criam quando leem.

Daí, observo a necessidade que temos em tornar parte das nossas vivências, o falar e o escutar do nosso pensar. Esse relato sacode em mim inquietações que levaram a essa investigação sobre como projetos de leitura, investimentos em bibliotecas que poderiam ser realizados pelo poder público e as escolas que formam consistentes na região poderiam transformar, o pensamento sobre a importância da leitura e inserir o cultivo e a valorização da cultura do ler. Bajour (2012) me faz refletir ao afirmar a importância dos livros para a sociedade, e como esse encontro necessita acontecer no início da vida de crianças e jovens:

[...] se relacionar com livros que os desafiam, que não os infantilizam, que os convidam a ser ativos pesquisadores de como os textos são produzidos e não apenas reconstrutores de argumentos. Livros que dialogam com a sensibilidade estética das crianças, sobretudo numa etapa da vida em que tudo é iniciação, experimento, fertilidade, pergunta em aberto (Bajour, 2012, p. 31).

A autora permite compreender a importância dos livros e como o encontro com os livros resplandece em nós a sensibilidade do que somos e de onde estamos.

Sou natural de Mata Roma, um município situado no Interior do Estado do Maranhão, na Mesorregião do Leste Maranhense e Microrregião de Chapadinha. No ano de 2022, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no município havia cerca de 17.090 habitantes. Morei nessa cidade até os meus 19 anos de idade. No final dos anos de 1990, iniciei meus estudos formais na Educação Básica em terras matarromenses, onde vivenciei a minha infância e adolescência e conheci professores que contribuíram significativamente para o meu crescimento pessoal e intelectual.

Dessas vivências, professoras de Língua Portuguesa e Literatura tiveram um acentuado peso ao incentivarem o aflorar da escrita poética, no sentido de proporcionarem a apresentação das minhas escritas para o público. Também, ao abrirem as portas de suas bibliotecas particulares para que eu pudesse degustar livros, que não existiam nas prateleiras da biblioteca municipal. Quanto à biblioteca da escola, ela já havia sido sorvida a goles por mim. Aqui, abro parênteses para falar sobre a importância das bibliotecas nas escolas e de como a sua manutenção é desprezada. Recordo a linda e vasta biblioteca da minha escola, que permaneceu fechada por longos períodos, e que foram necessárias intervenções minhas e de outros colegas para que pudéssemos ter acesso.

Posso mencionar que a biblioteca municipal mantinha um acervo velho, corroído por traças e sem projetos de estímulos à leitura. Diante disso, observamos que na região o acesso à cultura da leitura não é incentivada e que, ainda, não temos a vivência de projetos consistentes para o alcance de leitores reais e leitores potenciais. Sobre a necessidade de observarmos as bibliotecas como lugares de acolhida e formação de leitores,

seria desejável que uma tarefa tão importante como essa não ficasse fortuitamente sujeita à vontade daqueles que respondem pela biblioteca. Por outro lado, a realização de eventos culturais atinge a escola em seu conjunto quando toda a comunidade escolar se encarrega do seu planejamento e das tarefas que eles implicam (Bajour, 2012, p. 84).

Bajour me permite pensar que as experiências literárias partem não apenas da responsabilidade dos bibliotecários, mas dos sujeitos realizadores do ato de educar pessoas. E a educação literária para formação de leitores envolve experiências culturais, gestadas pela escola como um todo e algumas crianças só serão abraçadas por esses projetos se eles forem desenvolvidos e oportunizados pela escola. Dessa

forma, minha passei infância e minha adolescência sorvendo dessas fontes de leitura e sendo agraciada por pais e irmãos que me presenteavam com livros.

Em 2012, conquistei uma bolsa de estudos pelo Programa Universidade para Todos (PROUNI), passando a residir em Chapadinha, um município também localizado no Estado Maranhão com uma população estimada, segundo o último Censo do IBGE de 2022, em 81.386 habitantes. Iniciei os estudos no Curso de Letras, na Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP) e me formei, em 2016. No ano de 2016, iniciei minha primeira experiência formal no ofício como professora de Língua Portuguesa da Educação Básica no Colégio Nossa Senhora de Fátima (CONSEF), escola da rede privada no Município de Chapadinha - MA.

O desejo em cursar Letras surgiu da paixão pela relação entre Língua e Artes, em especial, pela literatura. As palavras, como disse anteriormente, sempre estiveram comigo, um rabisco aqui, outro ali, dando vida ao que não era dito e escrito aos versos das minhas percepções, do meu mundo interno e externo. O gosto pelas palavras estava em estado latente e constante. Por um tempo, escrevi para o meu mundo e, posteriormente, para outros e, até após a graduação, participei de coletâneas, publicando poesias e criando um site chamado: Arteira Poetisa. Depois, enveredei pelas redes sociais para compartilhar minhas escritas com o mundo.

Paralelamente, entre 2017 e 2022, eu me especializei em Docência do Ensino Superior – pela FAP e, logo depois, em Literatura e Ensino – Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Fiz mais dois cursos, graduei em Geografia pela UEMA e, posteriormente, em Pedagogia pela FAP. E, de 2016 a 2022, desenvolvi a missão de trabalhar a Língua Portuguesa na Rede Particular com os Anos Finais do Ensino Fundamental, lecionando por sete anos e conhecendo de perto o cotidiano da escola e das práticas docentes. Em 2021, iniciei minha trajetória de atuação no Ensino Superior nos cursos de graduação com as disciplinas de Língua Portuguesa. E, em 2023, objetivei novas experiências na Rede Pública, na qual, até o presente momento, venho conhecendo a realidade enfrentada e as fragilidades de leitura, tanto dos alunos como dos professores, trabalhando no Ensino Médio em uma escola de tempo integral.

A minha chegada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado ocorreu mediante a parceria entre a Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP da qual faço parte do corpo docente e da Universidade de Santa Cruz do Sul - RS, por meio do Mestrado Interinstitucional (MINTER). Visando a qualificação do quadro

docente, a FAP oportunizou bolsas de estudos aos seus professores para o ingresso no mestrado. O objetivo de seguir caminhando na carreira acadêmica já fazia parte dos meus anseios, e o ensejo de aprofundar no mundo da pesquisa veio por meio do convite de ingressar na turma 2022 do Mestrado em Educação que possibilitou que esse intento se concretizasse.

1.1 A jornada de encontrar-se consigo mesmo na pesquisa

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra

(Andrade, 2013, p. 36).

Pretendo nesta seção apresentar como ocorreu o processo investigativo deste trabalho. O caminho inquiridor da pesquisa me sobreveio, vagarosamente constante ao longo do percurso das disciplinas do curso de Mestrado, nas trocas com colegas e professores da linha de pesquisa, Linguagem, Experiência Intercultural e Educação, do grupo Estudos Poéticos: Educação e Linguagem, do grupo de Orientação e dos Seminários. Um começo que, nas palavras de Hannah Arendt (2015, p. 220), “[...] não é o início de uma coisa, mas de alguém que é ele próprio um iniciador”. Esse trecho do pensamento de Arendt abriu-me os olhos para o entendimento do percurso do pensar e do escrever em pesquisa no campo da educação. Passei a considerar que algumas palavras tendem demorar a germinar, crescer e florescer, ou seja, como o processo de metamorfose de uma lagarta em borboleta. São meios vitais de transformação, uns vagarosos, ponderados; outros, porém, acelerados. De certa forma, a concepção das ideias exige o respeito às etapas que constituem o processo existencial, pois a idealização exige transformações que não anulam o que veio antes e possibilitou o processo de mudança.

O primeiro momento, ao chegar na primeira disciplina do mestrado, apresentou-me a percepção do meio, do humano e do entorno sensível do estar junto, que sutilmente desencadearam memórias sobre minhas experiências na construção

poética ao longo das minhas descobertas com a leitura na infância e no trabalho, que venho desenvolvendo na sala de aula. Para Merleau-Ponty (2018, p. 18), “o mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro”. Esse estar junto proporciona a expressão de um pensamento em situação, construído em um contexto de experiências com outros que nos interrogam e nos fazem pensar. Nos termos de Merleau-Ponty (2018, p. 18) por estarmos no mundo, “estamos condenados ao sentido, e não podemos fazer nada nem dizer nada que não adquira um nome na história”. Nesse estar junto, fui aprendendo “pouco a pouco que a expressão é a linguagem da coisa mesma e nasce de sua configuração” (Merleau-Ponty, 2018, p. 242).

Como uma avalanche de percepções, a primeira aula que tive no programa começou com a apresentação de uma proposta do *Círculo de Cultura*, uma metodologia que ainda não havia vivenciado. O *Círculo de Cultura* permite o diálogo vivo, a partir de palavras geradoras e que provocou em mim um anseio em despertar em outros o gosto pela palavra, a palavra viva pela experiência lapidada pelas vivências. Provocar emoções faz parte do processo das interações proporcionadas por esse meio individual e coletivo, de estimular a linguagem e o corpo. A organização do espaço circular propicia para a expressão do ser, do olhar o outro, abraçar o mundo que é o outro e que somos nós. Há a propiciação do reconhecimento do ser, como individualidade dentro do coletivo.

O *Círculo da Cultura* constitui um espaço na educação libertadora ou dialógica, que intenciona proporcionar a expressão do ser e sentir na intenção do reconhecimento da singularidade no coletivo. Paulo Freire (2009, p. 111) define como “[...] debates de grupo, ora em busca do esclarecimento de situações, ora em busca de ação mesma, decorrente do esclarecimento das situações”. O autor apresenta as possibilidades de construção do conhecimento, por meio da ação dialógica crítica. Um espaço aberto às ideias, problemas e inquietudes de interação democrática participativa, para o desenvolvimento individual e coletivo. Portanto, o *Círculo de Cultura* é uma reunião, na qual circula os conhecimentos dos participantes ao envolver mitos, histórias, valores, rituais, símbolos e linguagem. Em síntese, se assim se pode resumir, é uma reunião de percepções e de experiências. Esse primeiro encontro promoveu, desde palavras geradoras formuladas pelos participantes, a composição de desenhos e a construção de pensamento por meio da fala, que se apresentava em

cada discurso em sua natureza reflexiva e, poeticamente ritmada. A partir de uma palavra geradora, construíram-se textos escritos e vocalizados.

Essa experiência levou-me a passear pelos pensamentos de vivências e experiências. Ao compreender as percepções da linguagem, expressas por meio do desenho e da escrita, percebi a poética do encontro humano e como o diálogo se estabelece dentro de um ambiente, em condições que envolvem a confiança, o respeito mútuo e a descontração. Mas, por outro lado, também estabelece a fundamental compreensão do silêncio, como o não dito que reverbera o dizer, o comunicar e em se fazer compreendido.

Para Merleau-Ponty (2018, p. 193), a consciência “é o ser para a coisa por intermédio do corpo. Um movimento é aprendido quando o corpo compreendeu, quer dizer, quando ele o incorporou ao seu ‘mundo’” o gosto de fazer brotar, fazer sentido, exprimir o que é perceptível nos vãos, no entre nós, no que nos torna humanos sensíveis e atentos. Humanos atentos às realidades que lhes pertencem cujo meio interativo individual e coletivo contribuem para o encontro dialógico com as transformações do mundo.

A proposta do *Círculo de Cultura* significou dar voz e ouvidos à própria existência do ser do mundo, do ser no mundo e do ser com o mundo. A prioridade da interação dialógica em educação circunda a afetividade como primazia das relações comunicativas, ao fundamentar o envolvimento da palavra como linguagem interativa, uma porta de entrada para o universo do dizer e do ouvir para explorar as realidades do ser participativo, que é estar no mundo. A primazia da participação envolve considerar as diferenças e a valorização das opiniões. O quão primordial é a concepção de estimular a circulação da palavra e o exercitar da paciência em ouvir o outro ao proporcionar a escuta e a palavra ativa.

A palavra como o cerne vocabular da compreensão da realidade do ser que se situa e fala, em cada vocábulo reina um universo a ser explorado, que pode permitir ir além das expressões inerentes ao dia a dia, mas que cava mais fundo em volta das percepções emocionais, sociais e políticas e induz à reflexão de ideias, valores, simbologias etc., instigando o pensamento e a leitura do mundo vivido, experimentado. Palavras, as palavras possuem forte poder semântico de conduzir as interações, como o poder de um vulcão em seus estágios de erupção, estado latente ou inativo e que em todos os seus estados quer dizer alguma coisa. Talvez seja esse

o aspecto interessante que a linguagem dita e não dita, produzindo em nós, vida. E não é o que somos? Interrogantes, pensantes e reflexivos, portanto, vivos.

Como registro da proposta metodológica dialógica *Círculo de Cultura*, apresento a Imagem 1, em que se percebe a organização gráfica da disposição dos papéis que continham, em cada um deles, uma palavra geradora desenhada de acordo com as percepções das palavras em formatos, cores e sensibilidade evocadas em cada mestrando.

Imagem 1 - Aula da disciplina Pesquisa e Aprendizagem - UNISC/RS



Fonte: Autora (2022).

Essa proposta me possibilitou pensar a partir da perspectiva das experiências e vivências que oportunizaram a expressão artística de cada um dos participantes. Sob esse ângulo, pude perceber que as palavras, os diálogos, a vivência e os silêncios estão relacionados não somente comigo, mas também com o outro e com o mundo. Na compreensão da percepção, daquilo que é sensível e sentido, Merleau-Ponty (2014, p. 23) aponta que uns “e outros, próximos ou afastados, estão, em todo caso, justapostos no mundo, e a percepção, que talvez não esteja ‘em minha cabeça’, não está em parte alguma a não ser em meu corpo como coisa do mundo”.

Segundo Larrosa (2018, p. 23) “[...] não se escreve sobre a experiência, mas sim, a partir dela. O mundo não é somente algo sobre o que falamos, mas algo a partir de que falamos”. Nesse olhar do que se constitui experiência para Larrosa, intencionei interrogar a palavra poética, desde uma proposta de narrativa das experiências, no

sentido sobre o que podemos ser no mundo, o que podemos aprender, dizer, contar e escrever.

As experiências no curso de mestrado me sobrevieram inquietações acerca de como a vivência poética não se encontra de forma densa no contexto escolar. Mas, antes de discorrer sobre isso, pretendo refletir sobre a minha compreensão do processo de pesquisa, o qual não se constitui de forma engessada, antes entendo que envolve muito além do que considero cômodo, correto e impassível. Essa concepção me fez perceber que estudar e me apropriar de uma nova abordagem de escrever e fazer pesquisa, de estar em pesquisa, sacudiu os alicerces de certezas, já por mim constituídas. Compreender a pesquisa em educação, na perspectiva da fenomenologia, chacoalhou veementemente o pensamento e as enraizadas possibilidades de investigar e lapidar o conhecimento, a partir das minhas experiências e vivências na docência, tanto na escola de Educação Básica quanto no Ensino Superior, ou seja, no sentido de como narrar no campo da intersubjetividade, a vivência do meu corpo, capaz de se conectar com percepções de si com o mundo e, assim, constituir as experiências vivenciadas nesse percurso.

Criar e experienciar eleva o pensamento a alcançar voos, no sentido de reconhecer-se em algo ou alguém, de vivenciar lentes de tamanhos variados, sem uma predeterminação estabelecida. Esse compreender do pensamento propõe uma liberdade de sentir, de entender-se e de inspirar ações e intenções. E o estudo dos fenômenos que a mim acontecem permite a investigação de mundo, desde as experiências nele vividas.

Pensando na importância da escrita para o reconhecimento do meu ser e estar mundo, surgiram as primeiras interrogações para esta pesquisa. Apresento, portanto, nessa escrita, as narrativas que envolvem a minha prática docente que nasceram da experiência no ensino do componente curricular Língua Portuguesa, ao longo de 7 anos de atuação nos Anos Finais do Ensino Fundamental na escola CONSEF. A ebulição dessas memórias emergiu da ebulição das inquietudes em perceber como, cada vez mais, a experiência lúdica é eliminada nos livros didáticos e no encontro com jovens da educação básica. Levantei algumas indagações sobre a dinâmica da escola e da leitura. Qual lugar ocupa a experiência de textos poéticos no espaço e tempo da sala de aula e da escola? Apenas como apoio ao conteúdo gramatical nos livros didáticos? Ou se resume ao papel decorativo de eventos do

calendário escolar? Como favorecer espaço para a vivência poética na escola como experiência, e não como reprodução ou mera tarefa escolar a ser cumprida?

Esses questionamentos me possibilitaram interrogar a experiência poética no espaço e tempo da sala de aula. Parto na intenção fenomenológica de descrever a aproximação entre Educação e Literatura. O interesse é perceber a presença da palavra poética no CONSEF com o objetivo de compreender a vivência poética na escola de Educação Básica como experiência, e não como reprodução ou mera tarefa escolar a ser cumprida. A escola mencionada faz parte da Rede Privada de Educação Básica do Município de Chapadinha - MA que está situada em perímetro urbano e funciona também como colégio aplicação da FAP. Atualmente, oferta a modalidade de ensino regular, que compreende as etapas do Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental.

A escola recebe estagiários da FAP, uma instituição de Ensino Superior que forma professores licenciados em Letras e Pedagogia para atuarem nas escolas públicas e particulares da região. E, como escola de aplicação, recebe estagiários da FAP, que se encontram em formação para que possam vivenciar as primeiras experiências de sala de aula. Dentro desse contexto, a importância dessa escola para a compreensão e valorização das aprendizagens dos estagiários das licenciaturas em desenvolver projetos de leitura na escola têm o intuito de difundir os valores da literatura. A escolha da escola CONSEF, como ponto de investigação dessa pesquisa, partiu da minha experiência como professora na disciplina de Língua Portuguesa nessa escola, em que estive atuando como docente nos anos de 2016 a 2022.

A pesquisa concentrou-se na descrição densa das experiências poéticas e artísticas exploradas, especificadamente, com os alunos da turma do 9º Ano do Ensino Fundamental, durante a Semana Nacional do Livro, da Biblioteca e da Leitura. A Semana Nacional do Livro e da Biblioteca foi instituída pelo Decreto Lei nº 84.631, de 9 de abril de 1980, e é celebrada de 23 a 29 outubro. Nesse período, a FAP, como fomento à leitura, realiza o Dia da Leitura, expondo os projetos realizados ao longo do ano. Esse evento se estende ao CONSEF, onde são desenvolvidos projetos de estímulos à valorização da cultura letrada. No ano de 2022, os alunos do 9º ano apresentaram a Exposição PalavrArte, que teve como objetivo apresentar a união das palavras escritas e desenhadas em telas, que exprimissem tanto seus sentidos individuais, como também os da reunião de várias dessas palavras como expressão poética, enquanto oportunidade de brincar com o sentido das palavras.

A escola está localizada na Região Leste do Maranhão e na Microrregião de mesmo nome, que abrange os outros pequenos municípios: Chapadinha, São Benedito do Rio Preto, Buriti, Urbano Santos, Milagres do Maranhão, Mata Roma, Anapurus, Belágua e Brejo, distante em 254 km da Capital São Luís. Chapadinha é, atualmente, uma cidade de referência na oferta de curso superior para os pequenos municípios que a rodeiam, como também oferece outros serviços que movimentam sua economia. Nisso, compreende a importância da escola de aplicação da FAP, e os seus projetos de incentivo à leitura, como foco para a propagação de uma cultura literária.

Por esse prisma, inquietou-me pensar no impacto transformador da leitura literária para a comunidade escolar e regional. A região é marcada pela necessidade da presença dos textos poéticos, pois a cultura do ato de ler e do dizer não é valorizada e, portanto, pouco vivenciada na formação de professores e, conseqüentemente, na escola. Dificilmente, nessa região, os textos poéticos são acolhidos ou compreendidos como algo importante na ação educativa de crianças e jovens. Poucos os valorizam como ação do pensamento ou como ação política de afetar o outro que, ao afetar, se transforma.

Na cidade, há uma biblioteca municipal e uma biblioteca alternativa, mas não há um incentivo cultural à literatura, de forma direta e ampla para o público fora da escola. As escolas desenvolvem tímidos projetos, que não são ampliados para além das quatro paredes. Bajour (2012, p. 21) traz à luz reflexões sobre o encontro com a leitura, as percepções sobre as variáveis que cobrem o acesso ao encontro com a leitura:

[...] sabemos que em muitas situações o encontro reservado ou a sós com a leitura é quase impossível por limitações materiais ou culturais. Grande parte da população não tem a seu alcance a possibilidade ou de solidão por conta das circunstâncias restritivas a que a condenam as políticas de exclusão. E também pelas manifestações de receio ou preconceito em relação àquele que se recolhe para ler como alguém que 'perde tempo', 'não faz nada de útil', 'isola-se dos outros', 'se faz de intelectual' etc.

A partir dessa afirmação convém pensar como a ausência de valorização da leitura parte da compreensão social enraizada, culturalmente, e interessa acender a luz para enxergar a leitura como ação social de transcendente humanização e compreensão de ser e estar no mundo. Nos termos de Todorov (2021, p. 33), a literatura nos humaniza, pois permite “[...] compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça a sua existência, ao fazê-lo, ele

compreende melhor a si mesmo”. Nessa compreensão, a literatura também nos ilumina, no sentido que interpretamos e nos posicionamos social e politicamente.

A ampla desconsideração escolar induz à importância educacional de interrogar a palavra poética na região chapadinhense. O CONSEF surge, nesse contexto histórico e cultural, como uma escola que, em atuação com a FAP, busca promover experiências de linguagem que incentivem a presença e a valorização de experiências de/e com a literatura, a partir de projetos de leitura.

A pesquisa torna-se relevante para essa região, ao contribuir para desvelar a experiência poética de linguagem e o imaginário como importantes na coexistência ou processo existencial de experiência de mundo, ao partilhar a relevância de nos conhecermos e nos reconhecermos em nossas palavras. Assim, nesse sentido, é possível compreender a relevância educacional de apresentar em poesia, o mundo de Chapadinha, no qual crianças e jovens são e estão. Um chão que traz um imaginário racional, que exclui o poético.

Ao pensar o peso da racionalidade que minimiza o espaço de surgimento do poético, a intenção é pensar/refletir a palavra poética como experiência que marca a própria existência, a partir do pensamento fenomenológico de Merleau-Ponty (2018). Para o filósofo, o pensamento “é também um relato do espaço, do tempo, do mundo ‘vivos’. É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e as explicações causais [...]” (Merleau-Ponty, 2018, p. 1) que acentua a necessidade de entender a linguagem poética e artística como mergulho nas águas da interrogação sobre o nascimento das ideias e palavras como compreensão do humano. Adentrei nesse caminho na intenção de entender, através da fenomenologia do autor, que mesmo o mundo vivido sendo descrito no plano das ideias, não é possível esquecer de que não há rupturas entre o vivido e o pensado. Esses dois planos não compõem dois mundos diferentes: trata-se de um mesmo universo a desvelar (Merleau-Ponty, 2018).

Diante disso, segundo Cerbone (2012), a aparição da experiência se constitui e se apresenta em ato, na experiência mesma de conviver. Por esse prisma, no cerne do campo da docência, julguei coerente a descrição sobre a experiência de reverberar e, assim, vivencio a experiência da palavra poética como fenômeno no mundo, em consonância com o trabalho realizado dentro da sala de aula.

Portanto, nesse viés de investigação, não ocorre desvincular do prisma da fenomenologia, que segundo Merleau-Ponty (2018, p. 1) “[...] é também uma filosofia

que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua ‘facticidade’”. Essa compreensão implica dizer que “a tarefa filosófica dos fenomenólogos consiste em *descrever os fenômenos, e não os explicar*” (Carmo, 2011, p. 18).

O diálogo dos encontros da linha de pesquisa, grupo de estudos, grupo de orientação e dos seminários contribuíram para o método gradual de sementeira, germinação e crescimento desse interesse de pesquisa. O meio de me encontrar comigo mesma na pesquisa está sendo uma descoberta, enquanto caminho. Esse processo de caminhar, nos termos de Kohan (2018, p. 198), implica autoeducação, ou seja, implica “[...] poder ver, caminhar, sem antecipar o destino, perdendo-se de si mesmo para poder dar lugar a uma experiência, para sair diferente. Caminhar como autoeducação”. O autor apresenta a ideia de entender que o processo investigativo é um percurso temporal, uma construção em movimento, que se desenvolve a partir das trocas coletivas entre pesquisadores e indivíduos, entre o pesquisador e o texto.

Os primeiros passos são deslocamentos ainda tímidos rumo ao desconhecido. Passos oscilantes, porém, constantes. Uma ação de perder-se para se encontrar no processo de viver a experiência de pesquisar, experimentando as intempéries que surgem ao longo da jornada. Agir. Mover-se. Estar em movimento diante da possibilidade de vários caminhos é o que configura “[...] ser investigação: cultivar o ouvido atento, o olhar sensível, o corpo disponível, os sentidos abertos e os preconceitos sob suspeição e indagação. Experimentar a aventura investigativa como viagem, como caminho percorrido e experimentado” (Skliar; Ribeiro, 2020, p. 19).

Na compreensão da vivência como construção da linguagem escrita, Larrosa (2018) diz que a investigação se configura como um processo sensível ao que se pretende observar, através do que é exposto por meio da escrita. Um caminho não apenas percorrido, mas sorvido nas experiências, de forma vagarosa e vigorosa. São intermitentes os pontos interrogativos. Por vezes, um tatear inconstante na difícil tarefa de ponderar sobre o que fazer, como fazer, qual objetivo e qual propósito. Parafraseando Andrade (2013), há várias pedras, inquietantes pedras, no meio do caminho. Então, qual caminho a seguir?

O entendimento da importância das etapas, diante desse colossal desafio se caracteriza, quiçá, como algo impossível, diante de olhos ainda virgens. O colírio só exigirá o seu efeito, após o exercício que matura o olhar pela experiência, que exige tempo, paciência, como a ação de separar sementes. O processo das primeiras

escolhas é angustiante, tudo é convidativo, porém gradativo. É a relação da paciência e do conhecimento.

Um trabalho minucioso e delicado, o qual exige pensar e selecionar o que se quer e o que não se quer na pesquisa. Todavia, o importante é deixar-se levar pela constância do viver, perceber e construir o conhecimento de cada semente. Descobrir enquanto se caminha, ou melhor, enquanto se separam as sementes, “sem saber de antemão o destino senão dispostos a deixar o próprio caminho conduzir nosso olhar” (Kohan, 2018, p. 197).

Assim como na mitologia grega, uma das tarefas da humana *psique* consiste em conseguir apanhar um pouco da lã dourada, de um grupo de fortes e agressivos carneiros. Uma tarefa um tanto difícil, que requer certa engenhosidade. Assim também ocorre na pesquisa, ao me desafiar a apanhar a lã dourada, o conhecimento a partir das experiências com o outro, da escuta aos semelhantes no compartilhamento de visões e de entendimentos. Isso significa, também, deixar-se ajudar e entender que o processo de pesquisar se relaciona com estar atento ao nosso entorno e às suas possibilidades como momento de permanecer fiel à nossa história coletiva e à incumbência de nossa singularidade.

Na escrita de Biesta (2023, p. 39) “para que nossos começos tenham importância [...] depende inteiramente de se e como os outros continuarão os nossos começos”. Nosso começar-se é ponto de partida para a intencionalidade do que pretendemos. Nessa compreensão de jornada docente, parafraseando Andrade (2013), apresento as pedras encontradas no meio do caminho e lapidadas a partir de minhas experiências como professora do Ensino Fundamental. Sob esse viés de investigação, através da narrativa das experiências de linguagem poéticas na educação básica, compartilho as experiências do olhar docente sobre o sentido pelo passeio do discurso estético e artístico da palavra. Começos por estradas já percorridas por outros que amparam, teoricamente, o pensar fenomenológico na linha de pesquisa Linguagem, Experiência Intercultural e Educação.

Portanto, sob o meu olhar enquanto docente narro e compartilho as minhas experiências da linguagem poética, vivenciadas no campo da docência. A partir da escolha desse percurso metodológico, objetivei, como apresentado no início desse capítulo, discorrer sobre a importância da observação por meio da fenomenologia. A narrativa e o compartilhamento de experiências são relevantes para a pesquisa em educação, pois permitem que conheçamos experiências que foram vividas em um

determinado espaço e lugar, a saber com a turma do 9º ano, e como se tornam intencionais as experiências de linguagem, em uma região que não vivencia a cultura da leitura e das artes. A intenção é refletir como o imaginário que a literatura proporciona pode contribuir para a aprendizagem de mundo.

Compartilhar as minhas experiências de linguagem talvez possa contribuir com modos de ver e de lidar com essa temática, algo que na região não é comum. A intencionalidade deste relato denso concentrou-se em contribuir para destacar a experiência de linguagem, como imersão do estar no mundo: o corpo visto como linguagem, em que a leitura não se restrinja à mera decodificação, mas a uma união do ler e do dizer como extensão do corpo, como entonação, como performance ou encenação teatral, como desenho, como criação de leituras criativas, enfim, que a literatura seja vivenciada.

A busca pela interrogação da experiência poética, no sentido de pensar que a linguagem não é mero instrumento de efetivação da comunicação, antes é também preciso pensar a linguagem como extensão do corpo, o corpo em movimento. E a palavra move o corpo, é expressão, é arte, é a exposição do pensamento e da sensibilidade do sentir sentir-se.

Essa é uma concepção que destoa do experienciado na região, pois se observa que a literatura tende a ser apresentada de forma fragmentada nos livros didáticos, como apoio para resolução de atividades. Nessa tendência, os textos poéticos surgem apenas como um texto de linhas rítmicas, que são lidos em datas comemorativas.

Dessa forma, o diálogo científico é estabelecido a partir da descrição narrativa do encontro entre a palavra, a poesia e a arte no campo da educação. Um diálogo desprendido da necessidade de análises de resultados ou da construção de uma norma regulamentadora de observação do fenômeno. Objetivei descrever as experiências para constituírem reflexão sobre o encontro na escola com a palavra, pois entendo que as relações educativas são oportunidades de distintas experiências, e o ambiente escolar é um espaço no qual essas oportunidades se multiplicam, podendo ser provocadas e desafiadas.

Partindo disso, após essa introdução em que discorro sobre ***A descoberta enquanto caminho*** abro aos capítulos que se seguem em coerência à proposta. Em seguida em ***A jornada de encontrar-se consigo mesmo na pesquisa***, discorro sobre

a importância da disciplina *Pesquisa e Aprendizagem* para o início das reflexões sobre a metodologia *Círculo de Cultura* e sobre a utilização dos textos poéticos na escola.

Início o segundo capítulo, ***A experiência como ponto de partida***, apresentando as experiências gestadas, a partir das vivências ao longo das aulas do programa de pós-graduação e do meu trabalho como docente, nas instituições da rede básica e do ensino superior. Essas experiências surgem como iniciativa de partida, para os desdobramentos das intenções de investigação.

O capítulo três, ***Experiência: é sobre estar no mundo, o mundo das palavras***, traz uma abordagem reflexiva etimológica sobre a ideia da experiência amparada em teóricos, como Ítalo Calvino (1990), Jorge Larrosa (2018), Maurice Merleau-Ponty (2018) e Ana Luisa Menezes (2021) e com eles penso sobre a importância de abordar a experiência poética, em um diálogo com a experiência de linguagem e corpo no mundo, a partir das palavras, do mundo do brincar e do poetizar.

No capítulo seguinte, ***Linguagem poética: palavra viva***, em consonância com os escritos de Bajard (2014), Merleau-Ponty (2018) e Zumthor (2018), discorro sobre o que compreendo com linguagem e diálogo com os autores. Apresento a importância da expressão do pensamento em linguagem, como expressão de mundo e das ações humanas, no sentido de compreender que a linguagem está tanto no que é dito quanto no não dito.

O capítulo 5 apresenta o encontro educativo entre ***A escola e a poesia***, como vivências que produzem experiências de alteridade. A escola vista como um espaço que oportuniza a manifestação, a expressão, o toque e a experiência de mundo. Para Merleau-Ponty (2018, p. 5), “o mundo está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele”.

Por esse ângulo, a fenomenologia merleau-pontyana contribui para entender o lugar em que nos encontramos e a escola é um desses espaços, sob o meu olhar enquanto docente, no sentido de permitir o reconhecimento de si e do outro. A escola tem o papel de proporcionar as interações que produzam experiências. Nesse sentido, as relações educativas são sempre uma oportunidade de uma experiência de alteridade: do descentramento de si para dar a oportunidade ao outro se manifestar, se expressar, se tocar. (Contreras; Pérez de Lara, 2010, p. 30-31).

Ainda neste capítulo discorro sobre ***A poesia e o Encontro com a poesia na escola***, alargo as perspectivas sobre o enlace entre escola e poesia, como experiência educativa para fundamentar as expressões de linguagem e compressão

das percepções, como um dos lugares em que aprendemos sobre o nosso ser e estar no mundo. Nesse espaço de escola, os sujeitos podem partilhar e realizar suas leituras do mundo. Nesse capítulo intenciono, por meio das vivências, o relato das experiências dentro da docência, por meio da palavra poética no ensino da Língua Materna. “A abertura à experiência é, pois, o mesmo que deixar-se tocar: reconhecer no outro sua singularidade, deixar-se dizer, deixar que algo te chegue sem impor sua própria mirada”. (Contreras; Pérez de Lara, 2010, p. 30-31).

Disto, observo que o ato de educar se estabelece como responsabilidade, no sentido de acolhimento ao outro. Nos termos de Larrosa (2019, p. 234-235), a educação “é o modo como as pessoas, as instituições e as sociedades respondem à chegada daqueles que nascem. A educação é a forma com que o mundo recebe os que nascem”. O ato de educar é também um processo gradativo, aberto às experiências e à compreensão das nuances da linguagem, como parte que constitui o mundo e a nós. Por isso, a poesia na escola deve ir além das eventualidades, declamações vazias ou apoio conteudista.

Considerando isso, no capítulo 6, ***Os caminhos não se encerram em nós***, discorro sobre a importância de reconhecermos os atos de educar não se findarem em nós, como professores atuantes em um determinado espaço. As boas ações são reações em cadeia, que vão se agregando aos que chegam e juntam aos outros e continuam a manter, a interação de mundos e proporcionar experiências de aprendizagem, que podemos sim, chamar de experiências de vida. Em especial, nesse capítulo apresento registro da escola em que atuei por sete anos e, que permanece em sua missão de proporcionar vivências de interação por meio das diversas linguagens. É disto, que se faz o ato educativo, ele não se encerra em nós, ele se propaga, percorrendo os seus caminhos em um *loop*, que não só se repete, mas que consiste em uma repetição única com outros sujeitos. Porém, em uma repetição que impulsiona a se manifestar no meio, no espaço e no tempo em que se experiencia.

Sobre esse meio interativo de aprendizagem, Paulo Freire (2021) escreveu que somos educados pela convivência e, por meio desta podemos mudar o mundo, escancarando a importância da educação que para Arendt (2015, p. 64) relaciona à convivência em um mundo comum, pois

Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor pois, como todo espaço entre o mundo ao mesmo tempo separa e relaciona os homens entre si.

Portanto, compreendo que ao pensarmos que a convivência é essencialmente transcendente para a interação humana e, que, nesse sentido, o mundo interrelacional possibilita que aprendendo uns com os outros, nessa relação de dependência, entre os mundos que são cada um de nós.

2 A EXPERIÊNCIA COMO PONTO DE PARTIDA

No sentido de narrar as experiências vividas dentro do meu trabalho docente, nas diferentes modalidades de ensino, a saber: Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, neste capítulo apresento a experiência como ponto de partida, para a compreensão da explanação da narrativa. As motivações para este filtro tiveram como base as vivências que narro neste capítulo.

As experiências narradas nesta seção respondem às provocações que a metodologia do *Círculo de Cultura* evocou em mim, nas primeiras aulas do mestrado e que reverberou nas minhas práticas de sala de aula, nisso, como um exemplo das influências do mundo do outro em nosso próprio mundo, o que contribui para novas experiências que sempre serão particulares de cada ser mundo e se encontra no mundo.

Através da vivência da primeira disciplina, pude retomar a proposta metodológica do *Círculo de Cultura* na intenção de provocar a experiência imagética da palavra, em uma oficina de *Leitura e Escrita Criativa* com alunos do terceiro período do Curso de Letras da FAP, no primeiro semestre de 2022.

A proposta norteadora para a oficina realizada com a turma do Curso de Letras foi escolhida, a partir de palavras geradoras, e se concentrou no objetivo de aflorar a sensibilidade através da palavra e do desenho. Pensar a palavra, não só no seu sentido etimológico, mas no afloramento do sentir.

A turma escolhia uma palavra, que naquele exato momento relacionava a vida de cada um dos acadêmicos. A partir dessas, orientei a expansão do pensamento para construção das imagens evocadas em formato de desenho e a disposição do papel no chão. A cada papel deixado no chão se construía uma imagem formada por todos os papéis e a construção do discurso poético de cada aluno, como pode ser compreendido na Imagem 2.

Imagem 2 - Oficina de Leitura e Escrita Criativa



Fonte: Autora (2022).

Merleau-Ponty (2018) aponta que nos relacionamos de forma específica com os objetos por meio da visão e do movimento. Essas experiências se resumem às nossas percepções de mundo, que nos impulsionam a refletir, perceber, sentir e descrever. São esses verbos que permeiam a existência do humano, o que nos torna vivos e induz a busca do sentido. Dessa forma, não temos essência e necessitamos coexistir para, assim, nos tornarmos com o mundo e os outros em linguagem. Diante disso, a linguagem consiste no mundo que somos conosco e com o outro. Essa singularidade de mundo, que permite a coexistência do nós e na dimensão poética, a percepção de ser e estar no mundo passa a ser explorada.

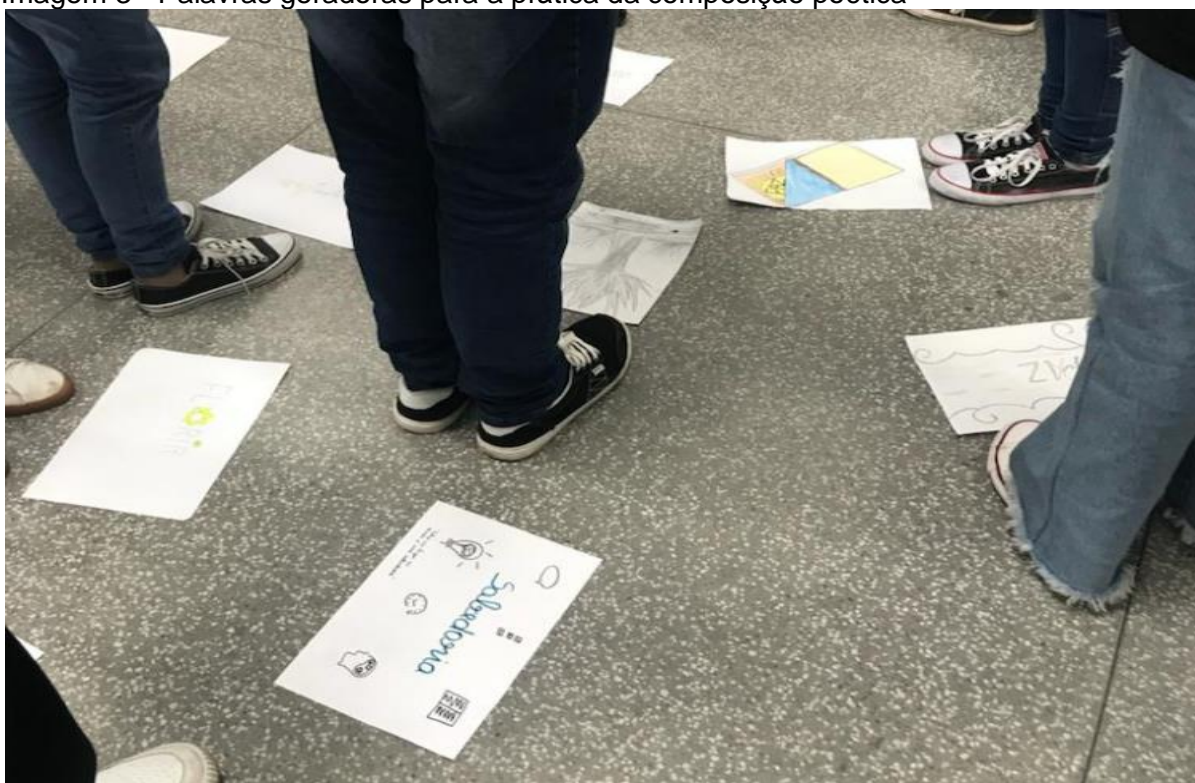
Nesse sentido, a inquietação gera a pesquisa, o desvelar do sentido que impulsiona o averiguar, ou seja, nos termos de Rezende (1990, p. 73), “[...] o sentido que falta, que está faltando, é que determina a direção de sua busca”, que direciona a investigação, através da experiência de sentido pelo passeio do discurso estético e artístico da palavra. E, assim, permito-me reflexões sobre a importância de a investigação pedagógica diferir de outras ciências e concentrar sua busca intencional educativa na percepção, através da descrição e interpretação da expressão humana.

Em meados de 2023, explorei, em uma perspectiva temporal mais extensa, a metodologia *Círculo de Cultura* como ponto de partida e de chegada na disciplina eletiva *PalavrArte*, no Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA). O Instituto é uma autarquia do Estado do Maranhão, vinculada à Secretaria de Estado da Educação, uma escola em tempo integral que oferece ensino presencial na modalidade do Ensino Médio, Técnico e Superior, contemplando também, o

ensino, a pesquisa e a extensão, na área tecnológica e no âmbito da pesquisa aplicada. Com 34 unidades plenas espalhadas pelo estado maranhense. A unidade plena UP de Chapadinha está localizada no perímetro urbano, recebendo alunos do entorno da instituição.

Considero a Imagem 3, um registro do primeiro encontro, vivenciado pelos alunos da disciplina de eletiva *PalavrArte* no IEMA, Unidade Plena de Chapadinha. A proposta metodológica partiu da gestão da escola, que percebeu a necessidade de proporcionar a união da linguagem poética e artística, com o intuito de provocar a expressão do pensamento e a reflexão de mundo.

Imagem 3 - Palavras geradoras para a prática da composição poética



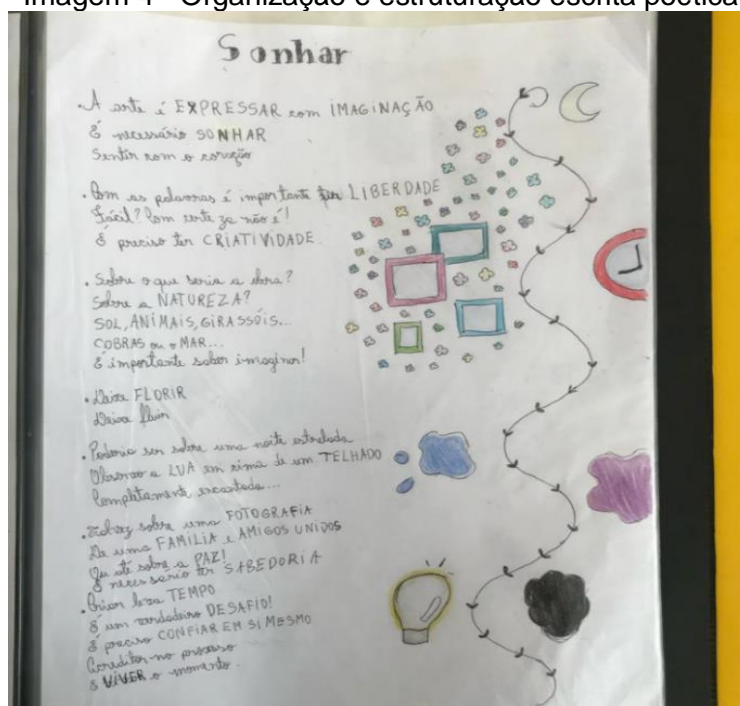
Fonte: Autora (2023).

No primeiro momento, solicitei aos alunos a escolha de palavras que tivessem relação com seu momento atual de vida, ou de toda a sua jornada de vivência. Após a escolha das palavras, pedi que desenhassem a palavra em uma folha de papel A4, conforme a palavra lhes apresentassem e lhes evocassem as sensações. A criação partiria de uma liberdade de colocar no papel, o que lhes fazia parte como mundo e seres no mundo.

Logo após, pedi que espalhassem pela turma, colocando a arte aos seus pés. Como exemplo, coloquei perto da minha arte e iniciei a minha fala reflexiva, sobre a evocação da palavra para mim. Assim, passei por todas as demais palavras escolhidas pelos alunos e ali dispostas, elaborando um discurso reflexivo coerente com as palavras. Após, os alunos começaram um por vez a falar sobre suas palavras, organizando o pensamento ao agregar sentido com cada uma das palavras ali dispostas, e isso se repetiu até o último aluno.

Em seguida, solicitei que as reflexões realizadas ali, por meio do discurso, fossem estruturadas em formato de poemas, como registrei na Imagem 4. A intencionalidade da atividade consistiu em proporcionar o raciocínio rápido e coerente, para organização do pensamento e do discurso. E depois, estruturar a verbalização em escrita.

Imagem 4 - Organização e estruturação escrita poética



Fonte: Autora (2023).

No decorrer da disciplina foram propostas diversas atividades práticas de vivência, do sentido das palavras e das imagens. Na Imagem 5 consta o registro da culminância da eletiva PalavrArte, em que os alunos apresentaram suas produções poéticas, geradas pela palavra geradora e as telas gestadas dos sentidos explorados

das palavras, e os portfólios com as demais produções poéticas e artísticas, desde a esquematização até sistematização da escrita final.

Imagem 5 - Culminância da disciplina eletiva PalavrArte



Fonte: Autora (2023).

A disciplina intencionou a aproximação dos estudantes ao pensamento imagético. Pensar a metodologia dentro de uma perspectiva de disciplina, possibilitou novas ebulições sobre o percurso de refletir sobre a vivência da produção poética dentro da escola, não apenas como palavras bonitas, de cadência suave e constante de uma entonação, mas como constituição do que somos, sentimos, ou seja, percebemos. Sinto o quão urgente é o perceber o mundo no contexto histórico atual, no qual há um intenso recebimento de informações, que chegam até nós em formatos de notificações, que fazem parte da imersão no mundo digital.

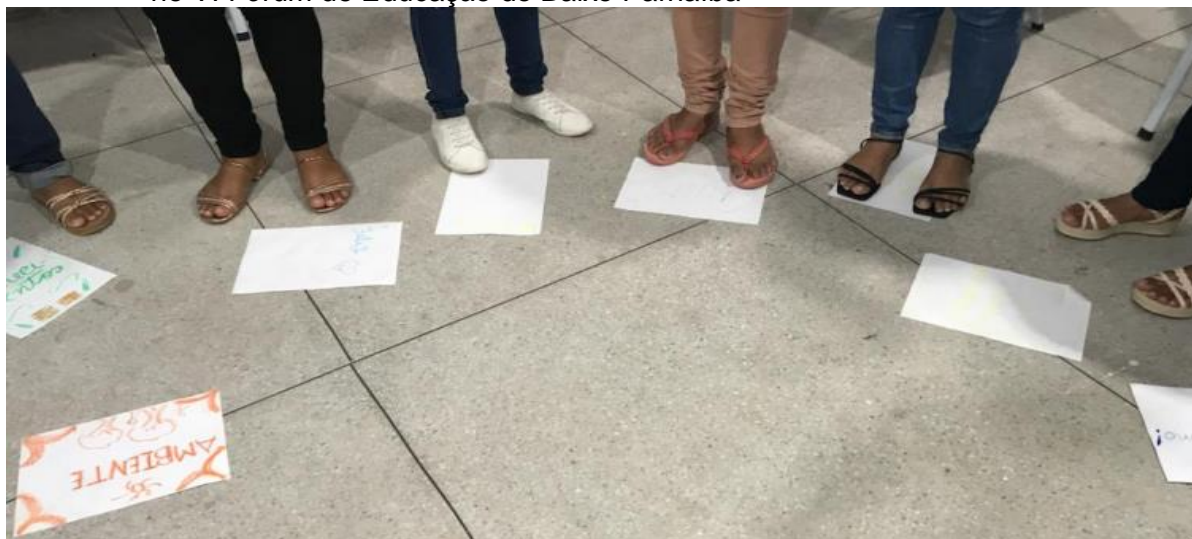
Compreendo que essa imensidão atrapalha o vivenciar, de forma mais profunda, os sentidos dos textos, das palavras e o sentir que elas proporcionam. Dessa forma, há essa necessidade de se pensar no vivenciar do mundo imagético em um mundo acelerado. Sinto que o sentido das palavras precisa ser percebido ao tratar sobre o enraizamento da palavra pronunciada, que também se fala sobre a configuração como signos corporais. Le Breton (2009, p. 41) fala que a comunicação “implica tanto a palavra quanto os movimentos do corpo e a utilização pelos atores tanto do espaço quanto do tempo”. Nesse sentido, o autor apresenta o ponto primordial de compreensão do nosso estar-no-mundo ao tratar da super valorização da

palavra emitida, em detrimento do simbolismo corporal, e nos fazer refletir sobre a importância da relação e equivalência destas, tanto da palavra pronunciada quanto também da expressão do corpo, como linguagem e compreensão de mundo.

No Ano de 2023, desenvolvi a metodologia do *Círculo de Cultura*, como dinâmica de abertura da Oficina *A produção de textos de alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, no VI Fórum de Educação do Baixo Parnaíba, um evento da FAP, uma oficina voltada para os professores da Rede Municipal de Ensino e alunos de graduação e pós-graduação do Município de Chapadinha - MA.

Na Imagem 06, percebem-se palavras desenhadas em papel A4 e dispostas pelo chão. Diante da temática da Oficina *A produção de textos de alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, e do formato de públicos diferentes dos já aqui mencionados. Um público com vivências mais profundas, levando em consideração, a experiência de vida e o trabalho que essas professoras desenvolvem em sala de aula. A participação destas diferem dos demais públicos, quanto ao uso das palavras em sua profundidade de sentido e coerência da organização do discurso.

Imagem 6 - Oficina *A produção de textos de alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, no VI Fórum de Educação do Baixo Parnaíba



Fonte: Autora (2022).

Na Imagem 7 consta o registro da atividade realizada no segundo semestre de 2023, na disciplina Literatura e Educação, ministrada por mim para o 4º período do Curso de Pedagogia da FAP, produzimos o *E- book Poesia, Palavra Viva*, que conta com 27 poesias gestadas, a partir de palavras geradoras que rememorassem a infância dos autores.

O livro nasceu como atividade prática de escrita poética, com o intuito de brincar com as palavras e proporcionar o jogo de sentidos e percepções. A iniciativa buscou apresentar a palavra como um vocábulo, uma unidade que carrega vida, viva. O verbo em movimento. Pulsante. Brincante. Vívido. As palavras, quando sós ou reunidas possuem o poder de provocar o imaginário, brincar com as percepções e as sonoridades. Tornam-se o eu poético das memórias e do vivido.

Imagem 7 - Capa do E-book Poesia, Palavra Viva



Fonte: Acervo da autora (2023).

Apresento nas Imagens 8 e 9 registros do Lançamento do E-book “Poesia, Palavra Viva”, a atividade foi realizada na FAP com a presença dos alunos do Curso de Letras e Pedagogia.

Imagem 8 - Lançamento do E-book Poesia, Palavra Viva.



Fonte: Autora (2023).

Imagem 9 - Apresentação do E-book Poesia, Palavra Viva.



Fonte: Autora (2023).

Esse projeto de leitura e escrita gestou a *Exposição Poesia, Palavra Viva*, a qual foi aberta ao público infantil dos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental da escola aplicação da Faculdade, o Colégio Nossa Senhora de Fátima, durante a Semana Nacional do Livro, da Biblioteca e da Leitura. O intuito dessas iniciativas brotou da sensibilidade de apresentar a poesia na escola, como fôlego da vivência e experiência do brincar e gerar vida com as palavras. Pensado com a intencionalidade

de aproximar as crianças do brincar com a palavra poética, e de estimular a produção do imagético, como pode ser visto nas Imagens 10, 11 e 12.

Imagem 10 – Poema Gabriela

Olhe para o alto lá está a Gabriela,
Girafa com pintinhas e de pernas amarelas

O seu pescoço longo é muito divertido,
Ele é um escorrega para brincar com os amigos

Com sua altura consegue ver a cidade inteira,
Os aviões vão voando, perto de sua cabeça
Engraçada e sorridente é ela:
a girafa com pintinhas e de pernas amarelas



Fonte: Acervo da autora (2023).

Imagem 11 – Exposição Poesia Palavra Viva



Fonte: Autora (2023).

Imagem 12 - Exposição Poesia Palavra Viva no Colégio Nossa Senhora de Fátima - CONSEF



Fonte: Autora (2023).

As crianças tiveram a oportunidade de realizar as leituras e interagir com as produções poéticas, além de dialogar com os acadêmicos do Curso de Pedagogia.

As experiências relacionadas às vivências de linguagem, promovidas pela proposta do *Círculo de Cultura* trouxeram à superfície, a transcendência do exercício do pensar, como construção expressiva da linguagem em três dimensões diferentes de categoria de ensino, a saber: o Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior e, com os professores da Rede Municipal de Ensino. As experiências apontam para a liberdade de pensamento, como ação conjunta, cultural e filosófica das leituras de mundo, independente dos anos de vivência e para a pluralidade de pensamento, permitindo-me perceber a importância do texto poético no contexto escolar, não apenas em declamações e exposições, mas vivenciado na disciplina de Língua Portuguesa.

Essa reflexão me inquietou ao lembrar a minha trajetória de sete anos, lecionando a disciplina de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental, trazendo à memória como a leitura e a escrita poética podem fazer parte das aulas, não apenas como textos de apoio para o ensino da Gramática, mas como exercício da escrita e do pensamento. Fronckowiak (2013, p. 32) discorre sobre o valorar dos caminhos singulares da leitura e da escrita, o processo do ato de ler e escrever como inerente à particularidade da condição das experiências, do que é ser humano “ensinar o regozijo da leitura e da escrita - silenciosa ou vocalizada, informal ou literária - algo que se revela enquanto intimidade - exige valorar caminhos singulares para além da mera e incipiente reprodução do que configura”. Pois, a aparição das coisas no mundo, como a nossa percepção se mostra, possibilita a emergência do sentido dos fenômenos. E, dessa forma, compreender o espaço escolar como o chão que permite exercitar o pensamento filosófico e o percurso de cada um.

É o vivido na escola que permite o olhar mais perscrutante sobre o fenômeno humano, seres capazes de desenvolver, a partir das suas pluralidades subjetivas de pensamento, a criação do imaginário que se expande nas percepções em formas de escrita e de arte, e que capacita para exprimir em nuances e texturas o que lhes é oriundo das vivências e experiências. O estar no mundo é o que nos torna perceptíveis ao que nos constitui como ser, um ser não isolado, contudo, coletivamente, posto em construção com o outro. Dessa forma, vou compreendendo que a linguagem não está apenas em mim, mas em nós.

Compreendo que os acontecimentos são vivenciados e enfrentados de forma diferente pelos sujeitos e, por isso, a impossibilidade de cada um deles vivenciarem a mesma experiência. As experiências do outro são do outro, não se vive ou se aprende pela experiência, a não ser que esta possa ser revivida e tornada

própria por quem a vive (Richter, 2016). Assim, entende-se que as propostas realizadas com cada grupo de pessoas em cada modalidade de ensino explicitam, que as minhas experiências nas aulas da disciplina *Pesquisa e Aprendizagem* foram postas, em uma intencionalidade de vivência do outro sob a minha perspectiva de experiência, porém a experiência do outro nunca será a minha. Todavia, poderá constituir-se por meio das orientações que permitem reviver a experiência, mas cada pessoa construirá a sua, através da prática vivenciada.

Compreendi que o Círculo de Cultura propicia a experiência de vínculo, que vem se perdendo na organização social atual, diante das engrenagens dos dispositivos tecnológicos que nos afastam. Os momentos de convívio mais próximo oportunizam as partilhas de conhecimentos, experiências, impressões, sentimentos de caráter individual e coletivo, proporcionando a potencialidade criadora do ser humano, em suas ações, tomadas de decisões e reflexões que aí surgem.

2.1 Experiências poéticas de linguagem na Educação Básica

Para Larrosa (2005, p. 35), experiência é “[...] sempre do singular, não do individual ou do particular, mas do singular. E o singular é precisamente aquilo do qual não pode haver ciência, mas sim paixão. A paixão é sempre do singular porque ela mesma não é outra coisa que a afecção pelo singular”. Diante dessa experiência, tomar consciência de que cada um de nós, em sua particularidade, possui o seu tempo de desenvolvimento de ideias que precisa ser degustado em demora e apreço. Talvez, o termo degustar seja a palavra a que compete falar desse processo de mastigar as palavras. O tempo desse processo envolve e move, o ser pensante em um transbordamento de palavras de dentro para fora e de fora para dentro, um entre si, o outro e o mundo.

Em uma ação que vai e que vem, a ação de prostrar, de poetar, de expressar em palavras o sentir, como forma vivencial da experiência de mundo através das palavras, da comunicação, da linguagem me impele a desejar emitir o que faz parte do que somos e que nos liga aos outros, devido à nossa natureza interacional. Para Merleau-Ponty (1991), a linguagem é o que possibilita a ligação entre o ser humano e o mundo e, nesta dimensão sensível, há o corpo no mundo e o mundo no corpo. A dimensão dialógica da linguagem em suas diferentes formas de manifestações, constitui-se como extensão que expressa o que há de um todo, no que

somos e no que dizemos, e o que dizemos perpassa o que evocamos em palavras proferidas ou entalhadas no papel, porém compreende o que expressamos por meio do nosso todo, que também envolve as expressões do corpo.

Para Le Breton (2009, p. 42), “o corpo não é o primo pobre da língua, mas seu parceiro homogêneo na permanente circulação de sentido, a qual consiste na própria razão de ser do vínculo social”. O corpo é o todo que nos constitui como um mundo expressivo, vivo e composto de linguagem. Uma linguagem que é mundo produz mundo, e cada palavra depende da ação do corpo, que lhe infere sentido à coexistência.

Caminhando nessa perspectiva, no ano de 2022, desenvolvi na disciplina de Língua Portuguesa com os alunos do 9º do Ensino Fundamental, do CONSEF, a proposta de pensar a experiência de linguagem - palavra e arte, palavra como poesia e expressão artística. Como resultado, ao final realizamos a Exposição *PalavrArte* que foi apresentada para a comunidade acadêmica da escola e da FAP. A Imagem 13 mostra a intencionalidade desse projeto, que se constituiu em uma proposta para expressão do pensamento poético, por meio da linguagem escrita e artística.

Imagem 13 - Banner da Exposição PalavrArte.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Para composição da exposição, os alunos desenvolveram, a partir de temas geradores propostos por eles, telas e poesias. A atividade teve como objetivo

aguçar a percepção do sentido e sonoridade das palavras para cada estudante, e a sua composição imagética em cores e texturas. Observo que esses momentos de atividade prática, que envolvem o pensamento e o mundo permitem que a palavra possa nascer, engatinhar, caminhar, percorrer, circular por entre nós, no ouvir, no escutar, sem a sensação opressora da obrigatoriedade do se expressar, porém verter e fluir como as correntezas de um rio, em uma dimensão de construção de significados que o gesto de pensar, ler e escrever nos constrói, pois o texto ao sair de nós e ao se reter em nós, torna-se também nós, correlacionado à dinâmica da linguagem e da realidade. Dessa forma, essas expressões ditas e não ditas emergem e submergem, em diversas camadas de sentido que as palavras comportam.

Para tanto, durante a atividade observei os comportamentos emitidos pelos alunos, na organização da expressão do pensamento, alguns ao compartilhar com os outros suas ideias, outros ao maturar em silêncio suas percepções de mundo, outros proferir em voz alta suas intuições. Na segunda etapa, que intenciona transformar as palavras geradoras em um único texto poético coletivo, percebo o surgimento da interatividade que os unem e, também, que proporciona ideias novas e contrárias e que os fazem trabalhar de forma conjunta em um objetivo comum, respeitando as ideias do todo.

Para Bajour (2012, p. 24) esse entendimento da construção pelo coletivo reflete, que “Escutar para reafirmar uma verdade que só olha para si mesma e espera a palavra do outro somente para enaltecer a própria palavra é a antítese do diálogo”. O interessante a pensar é como nos constituímos dentro da coletividade e que a humanização faz parte na compreensão do outro, que também é importante; e, não da imposição forçada do nosso próprio pensamento. Nisso, observei o desenvolvimento dos pensamentos individuais das produções independentes, reorganizando-se em um pensamento coletivo que envolve o todo. Nos termos de Bajour (2012, p. 24),

[...] esse encontro com a palavra do outro, ao ‘falar juntos’, como um momento de ‘decolagem’, de voo em direção a algo que até o momento do bate-papo nos era desconhecido. A escuta da interpretação dos outros se entremeia com a nossa. Os fragmentos de sentido que originamos nesse encontro, quando entram em contato com os fragmentos de outros, podem gerar algo novo [...]

A importância dessa interação proporciona a criação de novos sentidos, porque não se concentra em apenas um mundo, mas na coletividade de pensamentos, sendo que nessa troca há o encontro de mundo, que enriquece a produção e, nesse caso específico, a produção do texto poético proposto na atividade.

O compartilhamento de pensamentos, ideias, nem sempre serão concordantes, pois são visões de mundos em que as vivências e as experiências são diferentes. Não esperei que nessa atividade houvesse apenas aceites das ideias apresentadas por eles, mas que dessas interações surgissem a disposição para aceitar e apreciar o que o outro oferece do seu próprio mundo em toda a sua complexidade, e conseguissem trabalhar coletivamente com as manifestações e interpretações diferentes. Chamo Bajour (2012, p. 25) para situar a importância da democracia das interações, no partilhar das experiências nesses encontros.

A democracia da palavra compartilhada implica, ao contrário, o encontro intersubjetivo de vontades que aceitem o outro em sua diferença e estejam dispostas a enriquecer a vida, a leitura e a própria visão de mundo com essa diferença, mesmo que não concorde com ela. Construir significados com outros sem precisar concluí-los é a condição fundamental da escuta, e isso supõe a consciência de que a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual.

Aprecio a compreensão da autora mencionada, no sentido de que esses encontros constituem concepções que envolvem o diálogo, que promovem a cooperatividade, o crescimento como humanos que respeitam a pluralidade das ideias, e consigam se desenvolver e conviver com o outro. São esses os momentos que a escola apresenta para o processo de humanização e a leitura, a produção textual e as reflexões nos ajudam a ter clareza da nossa individualidade, da importância da coletividade para a coexistência.

Na Imagem 14 apresento o registro da produção coletiva originada, primeiramente, pelo exercício individual da turma, maturado nas expressões pessoais sobre o sentido de cada palavra para cada aluno. Posteriormente, essas percepções foram reunidas no poema intitulado “Palavra & Arte” e trabalhadas coletivamente. Um poema que encerra em si a poesia emanada do pensamento e vislumbre de vida de cada aluno. A produção envolveu a disposição em aceitar as ideias do todo e a missão de sistematizá-las em uma única expressão do coletivo. O cerne da poesia não se encerrou dentro do texto verbal, além da proposta de construção do poema quis ajudá-los a explorar a sensibilidade poética por meio de tintas e telas.

Imagem 14 - Poesia produzida a partir dos temas geradores

PALAVRA & ARTE

Me encontro em **MELANCOLIA**
 Apenas para sentir a poesia **FLORESCER** em
 mim
 Observo a **NATUREZA** porque uma parte
 atormentada se acalma
 Gosto de pensar que sou uma **PAISAGEM**
 cinzenta e com leves tons de azuis
 Já que os melhores poemas são escritos sob
CEÚS nublados
 Acho que essa é a razão pela qual trilho
 tantos caminhos pela **ESCURIDÃO**
 Há algo de lindo e pungente em definir na
TRISTEZA
 Minha alma já não reivindica **NADA**
 E os meus **SONHOS** me levam a lugar
 nenhum
 Apesar de tudo, sinto **PAZ** em estar comigo
 Às vezes fico feliz e me encho de uma
MOTIVAÇÃO brotada de belas flores
 Porém, não posso deixar de notar como me
 castigo com a **SOLIDÃO**
 A minha timidez me enjaula em **SILÊNCIOS**
 sufocados.

Fonte: Acervo da autora (2022).

A penúltima etapa da produção consistiu em refletir sobre as palavras escolhidas por cada aluno, e a sua importância para aquele momento na vida, o que tenha um sentido mais profundo e que já o acompanha há bastante tempo. Nessa etapa, os adolescentes passaram a fazer uso das percepções mais aguçadas, sobre como transformar palavras em sentidos que envolvam a sensibilidade artística por meio das cores, texturas e cadência das pinceladas. Esse momento é um momento expressivo livre, a intenção é que o aluno possa se sentir livre para usar o corpo, buscando expressar o seu mundo e ficar em contato com o mundo do outro.

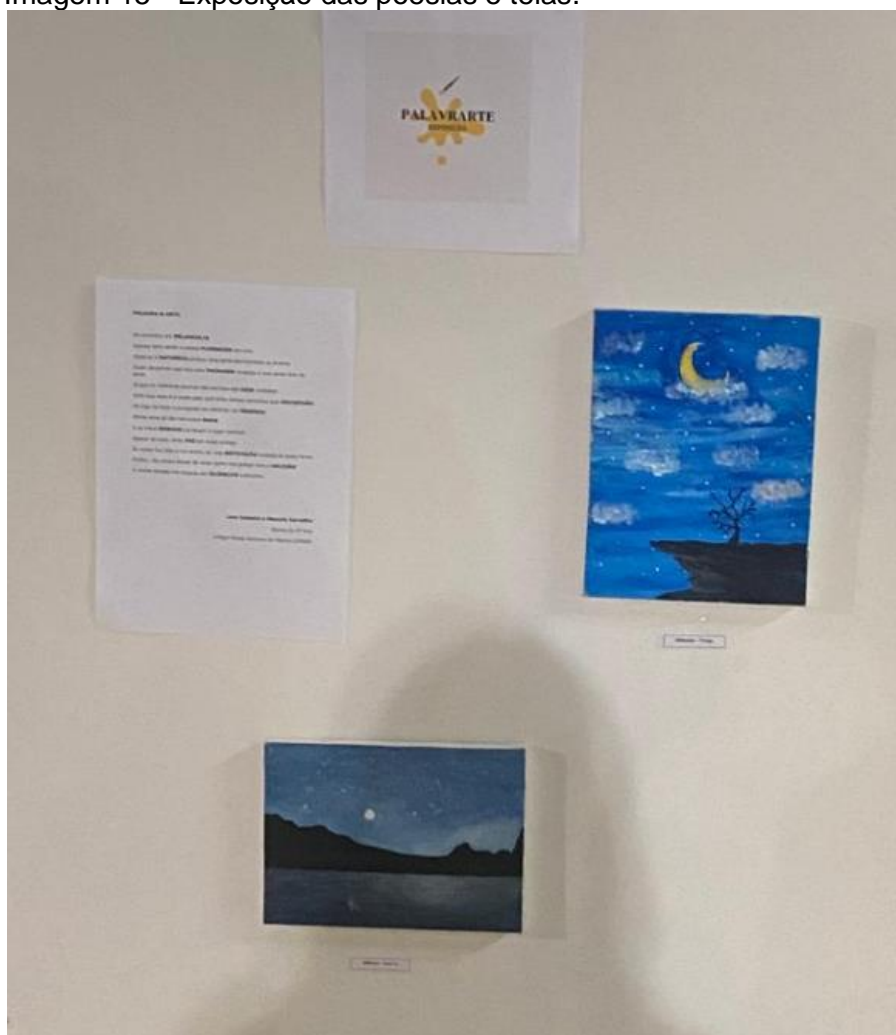
A última etapa foi realizada a partir da exposição das telas e, também, da poesia produzida em conjunto, como resultado do pensamento de todos os alunos envolvidos. Para essa etapa deixei que os alunos tomassem proporção para organização das exposições, e notei que a turma organizou a exposição das telas em consonância com o sentido das palavras e as suas ideias em formato de arte, selecionando por meio de temas e da pertinência das cores. Dessa forma, percebi a

sensibilização da organização pensada, não apenas para eles, enquanto criadores, autores, artistas, mas para os leitores, ouvintes e apreciadores que fazem parte da comunidade escolar e acadêmica. Os alunos se organizaram em trios para receber o público e guiá-los na compreensão da proposta da exposição, buscando apresentar suas criações artísticas e poéticas. Bajour (2012, p. 27) destaca a relação entre a literatura e a arte ao escrever que:

[...] A leitura se relaciona com a literatura e com outras artes. Na leitura de textos artísticos, as perguntas, a instabilidade e o caráter provisório das respostas, a possibilidade de criar e recriar mundos a partir do que foi lido, o estranhamento em face do desconhecido se entrelaçam mais do que em outros discursos, com o jogo sempre aberto das formas. A linguagem estética se oferece a leitores que se acomodam diante de modos alternativos, diversificados e por vezes transgressores de nomear o mundo. Na literatura não importa apenas aquilo que impacta nossas valorações, ideias ou experiências de vida, mas também como ela o faz.

A linha tênue entre literatura e arte se constitui como uma das formas de oferecer um olhar que se entrelaça com o olhar do outro e permite novas experiências. Na imagem 15 consta o registro das produções artísticas dos alunos do 9º ano. Esse momento colaborou para a interação com o público, no intuito de desenvolver a organização do pensamento e das percepções que envolvem o outro, a quem com quem há a interação. Nisso, compreendo que a cultura emana desses encontros, onde o saber e a experiência de pensamento tomam forma. Esses momentos são alguns dos quais é onde o compartilhamento de experiências e de pensamentos são trocados, constituídos e construídos em contato com o outro humano.

Imagem 15 - Exposição das poesias e telas.



Fonte: Autora (2022).

Como professora com a primeira graduação em Letras, a presença da palavra esteve ali, rodeando, acalentando, brotando e brincando em arte. Sempre me inquietou pensar a palavra e a arte de forma entrelaçada, coniventes e conviventes, como os textos poéticos poderiam ser vivenciados na escola, não apenas como texto base para o ensino da Gramática, porém como extensão do que somos, a fim de compreendermos que somos e estamos no mundo. Os efeitos da presença da literatura na vida do leitor, a saber a vivência poética por meio de variados textos podem desencadear, de forma qualitativa, a emanção do corpo em sua representação sonora (Zumthor, 2018).

Dessa forma, penso que o contato do aluno com o texto poético tem o seu valor substancial de imprevisibilidade, encantamento e poderio analítico de mostrar outros contextos de mundos, outras vidas e enriquecer o pensamento. Ora, penso que a escola é o espaço que se apresenta a literatura e se reflete sobre a presença da

linguagem poética, que ajuda na indução de provocar sentidos, gerar a sensibilidade e alargar a imaginação.

E, nesse espaço chamado escola, onde a vivência literária se constitui como exemplo para outros comportamentos, penso que os livros alargam o imagético e que a construção dessas produções partem do vivido, porque os livros nos atravessam, de tal forma, que ficam em nós, não devendo ficar só em nós, pois devem atravessar a outros, e assim se vai, esse é um dos papéis exercidos pela leitura na nossa vida, e esse atravessamento se realiza por meio da expressão de linguagem, que se manifesta de muitas formas.

Diante da importância de reconhecer a necessidade da cultura do imagético ser mais vívida na região, intento em mencionar as palavras de Montes (2020, p. 212), quando questiona:

Qual é o sentido da leitura hoje, neste mundo tal como estão as coisas? Por onde começar para refundar a leitura viva, criar uma leitura nova? Porque basta já de ficar nostálgico por aquilo que já foi, de focar na nostalgia, na melancolia. A melancolia é doce e há um certo vício nela, mas não servirá aos jovens, essa nostalgia é apenas para os velhos. A leitura é um poder vivo, e é preciso aprender a exercê-lo novamente.

Volto minha reflexão ao pensar que essas inquietações da autora direcionam a relevância em pensar o texto, o livro na dimensão da sociedade em seu tempo. Torno nítida a observação de que há hoje novos leitores adaptados ao seu contexto de vida, e que as experiências são diferentes de outras gerações. Ao pensar o imagético que unisse a representação da palavra de forma artística, trouxe-os para uma realidade que exige subir um degrau, no que consiste em compreender os sentidos que as palavras nos constroem, e voltar-se para dentro e para fora, consecutivamente.

Essa articulação me leva a entender como a geração atrelada às novas ferramentas digitais mantêm pouco contato com as texturas e a experiência do criar, utilizando o corpo. Não objetivo adentrar na discussão a respeito de as ferramentas digitais poderem proporcionar uma similaridade de experiência dos sentidos, e até imitar as folhas de um livro. Porém, a experiência do toque, do manuseio das cores e da interatividade com os demais no mesmo espaço contribuem para que a experiência se torne mais impactante e significativa, pois como seres relacionais necessitamos

dessa troca em uma sociedade que valoriza o entretenimento, o divertimento e o pensar minimamente.

Montes (2020, p. 214) reforça que:

Em suma sociedade que nos obriga à vertigem e à mudança constante, voltar a experimentar o tempo- demorar-se na leitura, voltar atrás, reler, saborear a palavra, e até mesmo ler em voz alta- podem ser comportamentos quase revolucionários.

Essa talvez seja nossa resistência com professores, proporcionar momentos de estranhamentos que ajudem no exercitar do pensamento, utilizando todas as linguagens e todas as experiências de leitura. Acredito que a exposição trouxe um certo estranhamento para uma geração atrelada às mídias, aos jogos e às ferramentas digitais. Tirou-lhes do lugar cômodo para um espaço que compete em lidar com o outro, reflete sobre si e sobre o outro, ousar representar o sentido das palavras em arte, e compartilhar com outras pessoas. Esse momento proporcionou o olho no olho, a sensibilidade de interação e compreensão da natureza humana de estar no mundo, sendo mundo em contato com os semelhantes e falar, trocando experiências sobre a produção exposta.

Durante a exposição, observei a desenvoltura na partilha de suas produções, alguns fazendo uso de uma linguagem interativa aberta, outros ainda tímidos, julgo por ser uma experiência nova. Considero pertinente tais atividades como essas, que proporcionam o desenvolvimento da comunicação, da sistematização e da argumentação das ideias.

3 EXPERIÊNCIA: é sobre estar no mundo, o mundo das palavras

“A linguagem pertence, em todo caso, à vizinhança mais próxima do humano. A linguagem encontra-se por toda parte”. (Heidegger, 2003, p. 7)

“Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco”. (Larrosa, 2002, p. 21)

Que experiência é essa, a poética? Pensar a experiência sob a compreensão de que ela é sempre uma porta aberta para outra, conduz-me ao entendimento de que o que se vivencia gera uma nova possibilidade de experiências, como um encadeamento, como revelação de que as interações do corpo sensível no mundo movem as experiências, que contêm novas experiências e assim segue.

É a partir daí, a partir do nosso ser-no-mundo, que temos algo para aprender, algo para dizer, algo para contar, algo para escrever. Além disso, no contexto da linguagem “[...] as palavras não apenas representam o mundo, mas também o abrem, não são apenas uma ferramenta, mas também um caminho ou uma força. Ou, ainda de outro modo, a linguagem como o tato mais fino” (Larrosa, 2018, p. 23).

Penso, dessa forma, a compreensão da palavra como pensamento. O verbo pensar, uma força conjunta do mover humano, energia, ação, movimento, concretude flexível da expressão do pensamento resumido em palavras. O que seria o pensar? Seria então o que nos faz distintos, poderosos, implacáveis e sujeitos ativos do poder da fala. Palavra. Palavras. O poder do vocábulo como um domínio de mão dupla.

O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio esse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra (Larrosa, 2002, p. 21).

Larrosa nos apresenta o ser humano como morada da linguagem, que emana do seu ser, enquanto condição e constituição de um ser em linguagem, que produz, mas não a retém como um objeto. Larrosa (2002) no texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” escancara o poderio externo da subjetividade e do sentido das palavras, sobre a realidade do humano e como estas retornam para o interno humano com o seu característico impacto. Palavras como um vai e vem

sonoro, adaptável e constante. Entretida na força que lhe é empregada: a mutabilidade. “O mundo da palavra é entendido aqui não como uma forma de comunicação clara, perfeita, mas entremeada de silêncios, subentendidos, lacunas e desvios-sem que, contudo, sejam compreendidos como entrave para a comunicação” (Carmo, 2011, p. 96).

Para Menezes (2021), a palavra se condensa ao pensamento do viver e do conhecer. A autora parte da compreensão de que há fluidez no poder que emana da possibilidade de ser; e não apenas do viver. Seria a palavra a expressão do pensamento, que produz comunicação, interação e relação. Aproxima e afasta. Envolve extremos do sentir, produz sentidos ao fluir da existência. Não seria então o ser humano a própria palavra, constituído de vivências oriundas do simples viver? Não se resumiria ao vivenciar do que é subjetivo e peculiar: a linguagem. Não seria ela, a linguagem, o produto resultante da essência da experiência interacional humana e ao mesmo tempo, o que nos torna o que somos, humanos. Nas palavras de Ítalo Calvino (1990, p. 138), “[...] quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações?” O ser humano que se encontra no mundo e é mundo.

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de ‘sabedoria’, mas no sentido de ‘estar informado’), o que consegue é que nada lhe aconteça. A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a *experiência* é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o *saber de experiência* é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado. É a língua mesma que nos dá essa possibilidade (Larrosa, 2002, p. 22).

A escrita de Larrosa (2002) permite refletir sobre a expressividade e a interação. A relação entre sentimento e experiência. O que sensibiliza, que envolve e que produz vivência. Porém, diante da enxurrada cotidiana de informações, que sem trégua nos bombardeia, desde o abrir dos olhos ao fechar deles, o filósofo produz um novo olhar atento ao que nomeamos de “conhecimento”, que tende a fomentar a falsa sensação de domínio de conhecimento, uma experiência que não sai da tela.

A experiência de leitura se restringe ao que as mídias sociais veiculam, sem margem para um aprofundamento sobre essas leituras. Nas palavras de Montes (2020, p. 219) “[...] a pitoresca espécie dos leitores estava inexoravelmente em extinção ‘Lê-

se pouco'. 'Não se lê'. 'As pessoas já não leem como antigamente'. É tão notável e generalizado esse gesto da sociedade [...]". A autora critica aqui sobre o que a sociedade afirma sobre os leitores desse século, porém escancara sobre o frágil papel social em desenvolver a cultura da leitura, quando Montes (2020, p. 219) afirma que:

O melhor é esvaziar o balão das grandes generalizações e colocar algumas coisas em seu devido lugar: Algumas pessoas não leem porque ninguém as ensinou a ler. Algumas pessoas não leem porque não têm livros. Algumas pessoas não leem porque – dizem – 'não gostam de ler' (Convém lembrar que os dois primeiros grupos são excessivamente grandes na América Latina).

Diante das palavras de Montes (2020), observo a responsabilidade da sociedade na formação de leitores e sua hipocrisia em buscar formas de promover a cultura letrada em um contexto social no qual não há uma busca por livros. E que essa falha não pode ser creditada apenas à intensa vivência da geração atual nas tecnologias digitais, mas ao que a historicidade demonstra que, nos dias atuais, apenas intensificou e afastou a leitura do cotidiano das massas populares.

3.1 Experiência e corpo no mundo

A experiência sensível é esse elo de integração vital com o mundo que o torna familiar para nós. Pela experiência estética ou 'estésica' o interior e o exterior são inseparáveis. O mundo está inteiro dentro de mim e eu estou inteiro fora de mim (Merleau-Ponty, 2018, p. 546).

Segundo Carmo (2011), nós humanos estamos ligados ao mundo pela ação sensível do corpo para perceber a experiência deste mundo. O mundo é o que percebo; e não aquilo que eu penso, "mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável" (Merleau-Ponty, 2018, p. 14). Compreendo que estamos ligados ao mundo pelo que somos como mundo, o que vivemos e interagimos com o outro.

Larrosa (2002) nos leva a refletir sobre como as experiências nos moldam a compreender que tudo que nos envolve leva e traz para nós.

Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que

com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu (Larrosa, 2002, p. 22).

Larrosa nos apresenta o que é mais comum nos dias atuais: a necessidade de situar-se no mundo que somos nós mesmos. A experiência de se estar no mundo, vivendo inúmeras oportunidades, porém sem se deixar afetar como com uma insensibilidade ao que se vive e está diante dos olhos. Na urgência e sofreguidão do momento, o que não consegue tocar e deixar marcas está relacionado, também, ao acelerado contexto educacional que nos envolve. “E, na escola, o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece” (Larrosa, 2002, p. 23).

Diante disso, reflito sobre a constituição contextual de mundo e a sua organização social, que me leva a pensar no espaço da escola, onde propicia as experiências particulares. É sabido que os comportamentos humanos sofrem alterações conforme o tempo em que a humanidade está inserida, tal como a linguagem, que não é algo estático, ela se produz a cada movimento interacional. Como não nos afetarmos pelo que é mundano? A experiência de linguagem na escola talvez possa desvelar como é importante para as interações, que possibilitam as ligações entre os mundos diante das inúmeras desconexões que se estabelecem pelas enxurradas de informações, que a todo instante nos descem goela abaixo.

Como a literatura pode permitir situar-se no mundo, que é o próprio ser, no encontro consigo mesmo e como outro? Talvez seja essa a missão honrosa da experiência em linguagem nos dias atuais. Merleau-Ponty traz a linguagem como sentido, é preciso que se viva nos coletivos e que produza sentido ao ser compartilhado nas escolas, enquanto território de sentir.

A maravilha da linguagem é que ela se faz esquecer: sigo com os olhos as linhas no papel e, a partir do momento em que sou tomado por aquilo que elas significam, não as vejo mais. [...] Quando uma criança não sabe falar ou quando ainda não sabe falar a linguagem do adulto, a cerimônia ...A linguagem adquire sentido para a criança quando constitui situação para ela (Merleau-Ponty, 2018, p. 537).

A vivacidade da Língua permitiu o surgimento de diversas formas de comunicação, dentre elas os processos de composição das palavras, a partir da aglutinação, da agregação e da construção de novos vocábulos. É, sem dúvidas, essa

metamorfose da Língua, que nos permite compreender a estruturação da sociedade atual em suas diversas camadas, alicerçadas em torno das tecnologias que permitem a ampliação e circulação de informações a cada segundo.

A primazia da linguagem viva é aquela que nasce da interação, na qual o sentido emerge do diálogo em que se compreende e se situa, em relação ao que nos cerca e que nos permite um lugar no mundo. Em síntese, observamos uma sociedade em um campo amplo em meio ao vai e vem de palavras, uma sociedade que vai se engajando em abraçar informações e a se distanciar do experienciar.

a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião. O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação. Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo. Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresenta, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial (Larrosa, 2002, p. 22).

A informação desprovida de experiências inibe a transformação, torna-se uma ausência caracterizada pela desconexão com o real, restringindo-se à informação, opinião e falta de tempo, três fatores que impedem a conexão significativa e que se perdem na memória e no silêncio:

A vida humana se fez pobre e necessitada, e o conhecimento moderno já não é o saber ativo que alimentava, iluminava e guiava a existência dos homens, mas algo que flutua no ar, estéril e desligado dessa vida em que já não pode encarnar-se (Larrosa, 2002, p. 28).

Nesse sentido, Larrosa (2002) nos permite entender que, quando o ser humano se afasta do sentir, pelo processo da experiência, ele passa a experimentar as coisas, através do método. E, nessa acumulação de verdades experimentadas, percebe apenas o que é externo ao homem, distanciando-se do que lhe é sensível. O método não consegue reunir, além do que permite ser experimentado, registrado e quantificado. Não consegue perscrutar o saber da experiência e encontrar o sentido, pois não compreende o que é subjetivo, individual e próprio do ser. Pois a experiência nada mais é que a relação conhecimento e vida humana, não se restringe ao que é verdade ou tido como verdade, porém o que nos toca, move, comove, eleva e transforma.

O sujeito desprovido dessa conexão com o sensível perde o sentido que, nada mais é do que o que permite o humano a ser sacudido das suas incertezas e certezas. Menezes (2021) aponta que a transformação do indivíduo em seu processo de aprendizagem envolve a compressão de si e do outro. Processo que envolve o padecer, receber, submeter e sofrer, compreendendo o sujeito como alcançado, tombado e derrubado, porque essa é a essência do sentir, do transformar, do lapidar. É o caminho em que a experiência o conduz ao momento de travessia e de reconhecimento do perigo, destituindo-o da solidez e da característica do ser impassível, diante das intempéries que poderiam apenas contornar e não balançar.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, c nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (Larrosa, 2002, p. 21).

É a experiência que sacode e apaixona. Transformar: um eterno verbo, a palavra em ação de estar em movimento fluido e vivo, de estar no mundo. O mundo não é somente algo sobre o que falamos, mas algo a partir do que falamos e vivemos. Para Merleau-Ponty (2018, p. 3), tudo “aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada”. O autor escreve sobre como as pessoas vivenciam e experienciam o mundo, por uma ótica que lhes é própria e discursa sobre a necessidade de despertar essa experiência de mundo.

O mundo percebido, em seu solo de experiência vivida. As ideias só existem porque são ideias sobre coisas. Ideias e coisas não podem ser separadas, pois constituem um único fenômeno, já que a consciência não tem poder de constituir o mundo (Carmo, 2011, p. 19).

O autor traz à tona que o mundo é oriundo da consciência, e que o homem é o ser consciente e perceptível que é mundo e estar no mundo. E, por isso, a vivência e a experiência o envolve, no sentido de que ele é guiado por essa força consciente, que o permite ser e estar, não como uma observadora onisciente e onipotente, mas como uma luz que o dirige nesse mundo (Carmo, 2011).

4 LINGUAGEM POÉTICA: palavra viva

“E a palavra humana imita a palavra divina: é criadora” (Freire, 2011, p. 28).

Na perspectiva filosófica tradicional, a linguagem exprime o que é intencionalmente expresso pelo pensamento humano, servindo como instrumentalização para a revelação das ideias. Por outro lado, o filósofo Merleau-Ponty se desprende desse pensamento e apresenta a linguagem como parte do mundo da experiência e, dessa forma, uma extensão do corpo (Carmo, 2011), trazendo uma compreensão de linguagem que se distancia do conceito utilitário da palavra, como algo que se pode utilizar por um certo período, e que esteja agregado às necessidades que surgem.

Observo que a palavra não é um instrumento, a palavra é um mundo, um mundo que se conecta entre outros mundos, dentro de uma vivência como dimensão do sujeito humano que produz linguagem. Uma linguagem que emerge, não só da fala ou da palavra escrita, mas do corpo.

Muito mais do que um meio, a linguagem é algo como um ser, e é por isso que consegue tão bem tornar alguém presente para nós: a palavra de um amigo no telefone nos dá ele próprio como se estivesse inteiro nessa maneira de interpelar e de despedir-se, de começar e terminar as frases, de caminhar pelas coisas não ditas. O sentido é o movimento total da palavra, e é por isso que nosso pensamento demorasse na linguagem. Por isso também a transpõe como o gesto ultrapassa os seus pontos de passagem (Merleau-Ponty, 2014, p. 49).

O autor trata de elucidar sobre o que não é dito, não é falado, mas que é explicitado pelo corpo. O movimento da palavra perpassa as mudanças que ocorrem na Língua escrita, na qual tanto enfatizamos como compreensão de palavra viva. A palavra é viva no movimento do corpo, onde habita o não dito, que é dito, revelado em linguagem que se eleva em gesto que rompe a barreira da fala ou da escrita. É disso que trata a importância de situarmos a linguagem como experiência entre nós. Na perspectiva de Carmo (2011), nosso corpo não é um objeto, mas um sujeito de consciência perceptiva e presente no mundo. Não como uma consciência inteiramente interior, porém inteirada como um sujeito que é essencialmente mundano e, desta forma, como mundano, um corpo que engloba as percepções de sentidos “o enraizamento do espírito no corpo, isto é, a consciência atada a um corpo que a liga ao mundo”. (Carmo, 2011, p. 20)

Ao pensar as raízes do que somos e que entretecem como consciência de mundo, entendo que o pensamento merleau-pontyano em uma perspectiva que entrelaça ao de Paulo Freire, quando trata da experiência prévia que temos de mundo, antes de compreendermos o mundo das palavras. Quando Freire (2003, p. 11) trata dessa, ele aproxima a experiência de linguagem à experiência de mundo ao afirmar que a “leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. Esse discurso freiriano revela que a linguagem que nos constitui como seres interacionais se desenvolve em consonância com o que somos no mundo. Nossas raízes no mundo fazem parte da nossa vivência e permitem, também, compreender que essa realidade se encontra intrinsecamente relacionada às percepções, que as envolvem e que as desenvolvem.

Essas percepções envolvem as compreensões e o desenvolvimento da linguagem pela palavra. Os conhecimentos de mundo precedem a compreensão da palavra que emerge como expressão do pensamento humano. Ao refletir sobre a palavra é inquietante compreender o que ela é. Mas, o que é a palavra? No que consiste? Freire (2011) apresenta a palavra como humana, inerente à vivência humana, portanto, viva, então criadora, pois tende a imitar o divino poder de dar vida às coisas. A partir desse pensamento, reflito que a acepção do termo “palavra” traz uma interessante compreensão da dimensão fluente da “palavra”, que faz parte da nossa existência como algo que nos constitui como seres existentes em um mundo. A palavra, como algo vivo permite que as expressões humanas, oriundas dos seus conhecimentos prévios de mundo, de passagem e vivências se constituem em experiências que se tornam vivas por meio das diversas expressões de linguagem: escrita, falada, desenhada, pintada etc.

Sob essa ótica, a escrita de Bajard (2014, p. 22) menciona a corrente constante da palavra e afirma que a palavra, “é fluida. Não se pode, ao mesmo tempo, apreender o fluxo presente e aquilo que ainda vai se desenrolar”. Compreendo que a natureza da palavra como ação fluente, não comporta reter para si a dimensão do que ela é. E é devido a essa fluidez poderosa da palavra, que a expande para tantas manifestações em diversas linguagens.

A palavra também é compreendida por meio das concepções freirianas, como ação:

[...] palavra e ação; não é o termo que assinala arbitrariamente um pensamento que, por sua vez, discorre separado da existência. É significação produzida pela práxis, palavra cuja discursividade flui da historicidade - palavra viva e dinâmica, não categoria inerte, exâmine. Palavra que diz e transforma o mundo. A palavra viva é diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo, em comunicação e colaboração. O diálogo autêntico - reconhecimento de si, no outro - é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum (Freire, 2011, p. 28).

Nessa compreensão da dimensão fluida da palavra, posso compreender a palavra como ação ou a palavra ação, pois sua natureza corrente relaciona ao que defende Paulo Freire, quando afirma que a palavra é representatividade da construção humana em linguagem, que humaniza o mundo. Pela palavra, o pensamento se abre para as tão diversas formas do humano de expressar o seu próprio ser e estar no mundo. “O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador” (Freire, 2003, p. 29).

Nessa percepção de Freire se revela o entendimento sobre a importância das experiências, que são vivenciadas desde que chegamos ao mundo. Que cada um de nós percebe ao nosso redor sob lentes diferentes, pois da experiência que cabe a cada um se constitui, individualmente. E, agregado ao sentido da dimensão de aprendizagem na escola, torna-se relevante entendermos que as experiências sempre serão únicas, mesmo compartilhando o mesmo espaço. Pois, cada um de nós vê, sente e expressa, conforme o que se vivencia. Essa compreensão pelo professor possibilita que no processo de ensino e aprendizagem seja levado em consideração que as experiências são individuais; que o outro não vivenciará as mesmas experiências e que, cabe ao professor proporcionar que essas experiências, sejam vividas pelos alunos, desvinculadas do entendimento do repasse de experiências, mas da compreensão do papel do professor, enquanto mediador para as vivências das experiências.

Assim, a escrita de Freire também me impele a pensar a influência da palavra como consciência e liberdade. A liberdade não está em ti ou em mim, a liberdade está no coletivo, no chão da escola. Penso que o conhecimento por meio da experiência da palavra eleva a dimensão de mundo, induzindo o pensar além. Nas palavras de Montes (2020, p. 196),

Se acreditarmos que a leitura vale a pena (eu acredito) e que restabelecê-la e redefini-la é algo que poderia levar a supor, para todos, alguma forma de libertação do peso do mundo e de suas condições, é importante recuperar o quanto antes o laço da leitura com o poder, seu rosto vivaz, indômito, urticante, e até perigoso.

As palavras da autora permitem compreender o caráter social que envolve a consciência libertadora que surge do conhecimento que a leitura proporciona, e que a escola é um desses espaços. Talvez um dos mais importantes, pois permite a reflexão sobre nosso posicionamento como seres no mundo, ao incluir a consciência enquanto sujeitos no mundo e a liberdade de ser sujeitos, que podem por meio das palavras expressar suas compreensões e o que acredita.

A palavra viva é a palavra em ação, uma dança consistente do que é experiência humana. O efeito do movimento da palavra, no exercício do experimentar e construir percepções é que permite a chegada da ação de brincar com as palavras, de poetizar. Ao que compreendo, a importância de valorizar a palavra, brincar com a palavra na tenra idade, explorá-la através da dimensão lúdica dos jogos e das brincadeiras que proporcionem a experiência linguageira, que possa ser entremeada a outros níveis de linguagem. Níveis que se relacionam com o ser, sentir, saber que conectam a criança no e com o mundo, mas um mundo poético. Essa experiência da palavra estabelece relação com a vida, mesmo que na tenra idade, ainda não se racionalize. Mas, é nisso que consiste em proporcionar a experiência poética no início da vida, pois essa experiência permite o desenvolvimento de pensar a palavra, que a cada tomada de consciência no decorrer da vida leva a liberdade de pensar e de se expressar.

Bajour (2012) menciona que, quando nos permitimos escutar a criança, observamos uma linguagem ainda submersa, habitada por elementos metafóricos a serem organizados e construídos no universo da palavra e que, em contraste, a fala dos jovens e adultos é correlacionada ao que é dito e não dito. Em outros termos, considero a importância do encontro com as palavras desde a infância para promover o aprofundamento das concepções de mundo, para a organização do pensamento e para a expressão em inúmeras linguagens, que vão além da escrita e da fala.

Dessa forma, compreendo a linguagem poética. O que seria o poético, senão como a beleza e o horror do sentir o que nos impacta, nos toca, nos faz vislumbrar, nos faz sentir as sensações que emanam em nós, do nós e do entre nós? Estaria por aí em tudo que nos rodeia? Seria, portanto, o que nos faz estar e ser no mundo? Por que ao lermos e escutarmos poemas, participamos da visão de imagens

oriundas de outras perspectivas e modos de perceber o mundo, e que nos atinge em cheio, sacode e estremece? Entremeia? O que nos faz humanos? Seria a palavra tão poderosa assim? Como um esguio da alma e ao mesmo tempo um robusto da alma. Por que o poético nos toca tanto e de tantas maneiras diferentes?

Seria, então, porque o poético é o que se coloca diante de nosso corpo. Em diversas formas de linguagem: ao lermos um poema, uma tela, um esboço de um desenho, um comportamento, dentre outras linguagens é o que faz pensar, mesmo que não seja o belo, mas o horror, a compreensão de que o humano pode ser maior que ele mesmo, e o humano só pode ser acolhido pelo poético. Por isso que o poético é tão difícil, tão discriminado, tão eliminado, não vivenciado. Porque o poético aceita as diferenças.

O poético nos ajuda a fazer escolhas, pois nos ajuda a sentir. E sentir é algo que o humano não desprende da racionalidade para poder experimentar. Apegado à falsa segurança sobre o que mantém as firmezas das suas profundezas, o humano tende a repelir o que lhe sacode no seu mundo, optando pela facilidade de lidar com o seu mundo, de forma inflexível e racional.

Ler um livro, um poema, assistir a um filme, observar um pôr do sol, escutar uma música são ações que fazem parte do cotidiano. E que, não apenas fazem parte do cenário do dia a dia, mas quando perpassa o modo indiferente da existência, passando a permitir o encantamento de se sentir parte; e não apenas passar pelo mundo. A leitura, a literatura, as linguagens, as palavras têm esse poder, que nos permite ser tocados, estremecidos pelo que somos de mais humanos. De se desprender um pouco da racionalidade, que por extremos cria em nós a apatia, a indiferença e nos distancia da nossa humanidade. Talvez essa seja a compreensão do medo que sacode aqueles, que não se permitem pensar, o poder que as palavras têm de nos proporcionar e nos posicionar no mundo. Quando lemos, falamos e ouvimos, estamos vivendo de forma sensorialmente completa a experiência do que somos e como estamos no mundo.

Nisso consiste as expressões do que somos e a importância das palavras que nos encantam,

os textos literários nos tocam e nos questionam acerca de nossas visões sobre o mundo e nos convidam a perguntamo-nos como viveríamos o que é representado nas ficções. Essa dimensão não é menor já que na maioria das vezes é a porta de entrada para falarmos daquilo que os textos nos instigam. Antes de tudo, porém, eles são construção artística, objetos que dizem, mostram, calam e sugerem de um modo e não de outro (Bajour, 2012, p. 26).

Para Merleau-Ponty (1991, p. 79), “as palavras, os traços, as cores que me exprimem saem de mim como os meus gestos, são-me arrancados pelo que quero dizer como meus gestos pelo que quero fazer”. Seria, então, o poético um resumo daquilo, a partir do que simplesmente somos constituídos? A palavra se recobre de tantos poderes mágicos que nos aproxima e eleva para o sentido do experienciar e do viver. Palavras, palavras, reunidas, talvez sem nenhum sentido. Ao serem proferidas, mágicas. Mastigadas silenciosamente no pensamento, mágicas. Não há receita para o sabor que as palavras possam proporcionar aos nossos sentidos, elas traduzem o que há de mais profundo, pode-se dizer que é o estranhamento das entranhas do que é ser humano.

Porém, como diz Zumthor (2018), a palavra não é inocente, a palavra deve ser encarada de frente para que tentativas de reempregá-la possam ser realizadas. Não há, portanto, apenas o efeito de ruminar as palavras, mas compreendê-las nas suas demais facetas.

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras (Larrosa, 2002, p. 21).

Diante disso, indagamos: o que te faz vivo? Seria a tua relação com o mundo? O mundo das palavras? Não estamos em um mundo constituído de linguagem? O que te move? O que perturba o teu ser e te faz querer sentir a vida? Não só no extraordinário, mas nas nuances do ordinário dos dias? Seria mágica apenas a palavra dita em voz alta, lida e relida, evocando as mais sublimes memórias, que só com o tempo deixou-se cuidar. Seria, então, também magia aquela palavra não gritada aos quatros ventos, mas talhada no cerne do espírito. Para Carmo (2011), ao citar Merleau-Ponty, a linguagem está por meio das palavras, tanto pelo que é dito quanto pelo não dito, assim como também a linguagem é expressa pelos comportamentos humanos:

[...] o pensamento se alarga e nos remete para além da expressão verbal. Trata-se da linguagem silenciosa do mundo, da vida, do gesto, das artes, que em arranjo interno faz com que 'uma hesitação, uma alteração de voz ou a escolha de um acerta sintaxe' resulte em sentido implícito (Carmo, 2011, p. 94).

Palavras, palavras que evocam imagens, sensibilidade, memórias. E não é disto que somos feitos? Não é com o que buscamos a essência que nos faz sentir inteiros e vivos? É um mistério da linguagem. Para Zumthor (2018, p. 46) “a prática poética se situa no prolongamento de um esforço primordial para emancipar a linguagem (então, virtualmente, o sujeito e suas emoções suas imaginações, comportamentos) desse tempo biológico”. Portanto, a construção da linguagem poética envolve um todo constituinte da palavra, uma unidade da Língua escrita, oral, e, também, gestual. Freire (2003) traz essa singularidade ao falar da importância da percepção para a realização de mundo, como uma experiência de compreensão da linguagem, da palavra

[...] o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os ‘textos’, as ‘palavras’ as ‘letras’ daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber - se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais (Freire, 2003, p. 12).

Com Paulo Freire, podemos compreender o poder da percepção experimentada em linguagem, proporcionando sentidos às palavras. Pensamentos que nos pertencem e pertencem ao mundo. Somos constituídos de palavras, nisto linguagem, que nos fazem perceber o mundo e estar no mundo.

No próprio momento em que a linguagem enche nossa mente até as bordas, sem deixar o menor espaço para um pensamento que não esteja preso em sua vibração, e exatamente na medida em que nos abandonamos a ela, a linguagem vai além dos ‘signos’ rumo ao sentido deles. E nada mais nos separa desse sentido: a linguagem não pressupõe a sua tabela de correspondência, ela mesma desvela seus segredos, ensina-os a toda criança que vem ao mundo, é inteiramente mostração (Merleau-Ponty, 2014, p. 49).

A linguagem em nós nos permite perceber o mundo pelo sentido dela, pela consciência perceptível do nosso entorno. Ou seja, a recepção de mundo de forma imediata não permite a distinção entre pensamento e ação. “A nossa presença no mundo se dá de forma espontânea, nossos sentidos estão abertos às diversas

manifestações corporais sem que necessitemos refletir a cada momento sobre os procedimentos para então realizá-los” (Carmo, 2011, p. 82). A nossa consciência não interfere nas ações que realizamos, pois o corpo em consonância à ação se expressa. Nesse sentido, a linguagem faz parte do mundo sensível, ela não é exterior ao pensar, ao fazer parte desse mundo, ela se constitui como familiar a nós (Carmo, 2011).

5 A ESCOLA E A POESIA

“A leitura ocupa lugar de preponderância na escola” (Montes, 2020, p. 255).

Pensar a escola é refletir para além da palavra “escola”, como um espaço físico, devidamente estruturado para receber crianças, pré-adolescentes e adolescentes. A escola não se faz ou se constitui apenas das estruturas do prédio, que projeta a sua imagem. Pensar a escola carrega consigo uma interpretação mais profunda de um espaço de vivências e experiências. A projeção imagética da escola deve perpassar a figura do prédio, gerando o pertencimento a um ambiente, que faz parte das descobertas humanas como ser sujeito vivente. O estrado sob os pés daqueles que criam, moldam, brincam no estar e ser no mundo.

A escola tem esse papel político de propiciar o pensar, de repensar o que sou e por que estou no mundo. A linguagem é o caminho que escancara a possibilidade para sacudir os alicerces da racionalidade. Bajour (2012, p. 27) sublinha a escola como espaço de propiciar sentidos.

A escola é um lugar privilegiado para dar nomes possíveis a esse terremoto de significados e preparar nossos ouvidos e os de outros que leem para encontrarmos modos de falar sobre textos artísticos. A escuta dos professores precisa então nutrir-se de leituras e saberes sobre ‘como’ da construção de mundos com palavras e imagens para que os alunos se desenvolvam na arte cotidiana de falar sobre livros.

Nesse espaço, desenvolve-se a construção de expressão do pensamento por meios das leituras realizadas. Não apenas é importante realizar leituras, mas falar sobre elas. E, nesse contexto, o quão é necessário a formação de Clubes e Rodas de leitura nas escolas, e demais outros projetos que desenvolvam as diversas outras formas de expressão, não somente de um corpo que fala, mas que também canta, dança, toca, desenha. Nisso está a importância dos textos poéticos. É por possuírem o poder de afetar o outro, em uma linguagem de ação política, porque apresenta a percepção de mundos na educação. Porém, dificilmente a poesia é compreendida como algo importante, como ação do pensamento ou como uma ação política que afeta o outro e que, ao afetar-se, transforma a si e ao outro. A poesia não é algo só entre nós, ela é o nosso corpo, é a nossa voz e, por ser corpo e voz, ela é política. E porque é política tem esse poder de afetar o outro.

Muitas vezes a literatura é vista como o instrumento mais atrativo para falar sobre problemas sociais, questões relacionadas a valores, assuntos escolares ou situações pessoais. Quanto essa perspectiva predomina, a linguagem artística corre o risco de ficar reduzida tão somente a uma representação de fachada sedutora pela qual se entra para tratar de diversos temas (Bajour, 2012, p. 26).

A literatura, além de encantar e nos tocar permite indagar sobre as nossas visões de mundo. Talvez seja esse o cerne da linguagem literária apresentada e explorada nas escolas: ajudar a refletir sobre nossa existência. Por outro lado, a linguagem literária também deve ser experimentada como expressão do simples viver. Não desmerecendo o teor político e social da palavra, mas tomando nota que a experiência da linguagem na expressão artística do criar, de expansão do universo de que somos.

A escola é esse espaço que passamos grande parte de nossas vidas, onde aprendemos a vivenciar as experiências de ser humano em interação com outros humanos tão singulares. Como afirma Montes (2020, p. 224), não “podemos lidar com o outro sem construir significações”, o exercício da leitura proporciona a recolher indícios e construir os sentidos de mundo.

A educação como experiência é, acima de tudo, **viver o encontro educativo como uma experiência, fazer de uma relação educativa a possibilidade de uma experiência.** Neste sentido, as relações educativas são sempre uma oportunidade de uma experiência da alteridade: do descentramento de si para dar a oportunidade ao outro se manifestar, se expressar, te tocar. Contreas; Perez de Lara, 2010, p. 30-31, grifo nosso).

Pensar em escola e em educação é meditar o encontro com a experiência. É ponderar sobre a educação no contexto atual, e em toda historicidade que lhe é pertinente. É ponderar sobre um processo de mudança de paradigmas, que possibilita mover engrenagens que se estabelecem dentro da influência social, nos quais os pensamentos e as reflexões são humanamente configuradas. É olhar para a escola e seus processos de ensino, os quais sofreram grandes alterações, desde seu surgimento.

A escola existia para incluir na sociedade. Não se tratava de fazer grandes e pungentes perguntas, ou de arrebatando o segredo dos deuses. Nem de 'ser feliz' lendo-se o que se lia. Tratava-se de adestrar no uso da linguagem, de aprender a técnica da lecto-escrita, o código, e adquirir os conhecimentos que todo membro 'culto' da sociedade devia ter. E como havia, na base, um certo sonho igualitarista, desenvolveu-se uma minuciosa didascália, destinada a

facilitar essa necessária transmissão, de que ninguém duvidava (Montes, 2020, p. 231).

Observo as palavras de Montes (2020) em que compreendo a história que revela, quando essas mudanças ocorreram, conforme a evolução do modo de pensar e dos recursos que depois a sociedade passa a obter, a partir de percursos histórico, cultural, social e tecnológico. Por outro lado, algumas reflexões sobre o processo de ensino e de aprendizagem possuem raízes mais profundas, do que podemos considerar aparentemente recentes.

A missão da educação se estabelece através do conhecimento, centrado no saber a ser ensinado, no compreender do mundo, na interação partilhada e na identidade desenvolvida. Freire (2003, p. 27- 28) fala sobre o processo de mediação no ato de educar:

Só educadoras e educadores autoritários negam a solidariedade entre o ato de educar e o ato de serem educados pelos educandos; só eles separam o ato de ensinar do de aprender, de tal modo que ensina quem se supõe sabendo e aprende quem é tido como quem nada sabe. Na verdade, para que a afirmação 'quem sabe ensina a quem não sabe' se recupere de seu caráter autoritário, é preciso que quem sabe saiba sobretudo que ninguém sabe tudo e que ninguém tudo ignora.

A educação tem como princípio a responsabilidade de proporcionar a ampliação de mundos do aluno de maneira plena, que abranja desde a sensibilidade à responsabilidade pessoal e social. Considero que a convivência em pares é essencial para a construção de saberes oriundos da experiência, na compreensão que o educador pode reconhecer o seu papel de mediador, e que os educandos estão no processo de aprender com ele (Freire, 2003)

Diante disso, compreendo a importância do educador na arte de mediar, pois o ato de ensinar envolve um complexo leque de ações e reflexões. É na cotidiana convivência na escola que o envolvimento e o dinamismo da prática da leitura são exercidos na escola.

5.1 A poesia

P p

por p principia 'palavra',
por p principia 'poesia'
pois palavra sem poesia
não parece nem palavra.
(Paes, 2002, p. 4)

A arte de brincar e viver em palavras é constituinte do ser e estar humano no mundo comum, pois revela a capacidade humana de perceber o mundo que habita pela experiência – tão singular quanto coletiva – de linguagem. Com essa afirmação, destaco a importância da literatura na vivência de cada um e de todos nós. Para o poeta Fernando Pessoa (2000, p. 28), a literatura pode ser apresentada como vital, isto é, “A literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta.” Com estas palavras, o poeta traz à luz a necessidade humana de reconhecer-se no mundo que o envolve e que o constitui. Uma compreensão que Wenzel e Richter (2019, p. 4) resumem ao afirmarem, que a “vida cotidiana do produzir, criar, traduz o termo poética como ação transfiguradora da pluralidade dos sentidos em experiência de linguagem, a qual simultaneamente nos expõe ao mundo e nele nos situa”. Uma compreensão que permite interrogar, se não seria a linguagem – seja verso ou prosa – o caminho para a consciência dos sentidos?

O poema, sendo como é uma forma de aparição da linguagem, é por isso de essência dialógica, o poema pode ser uma garrafa lançada ao mar, abandonada à esperança – decerto muitas vezes ténue – de poder um dia ser recolhida numa qualquer praia, talvez na praia do coração. Também neste sentido os poemas são um caminho: encaminham-se para um destino [...] para um lugar aberto, para um tu intocável (Celan *apud* Cantinho, 2005, p. 1).

O encontro entre o poético e a palavra viva emerge ao proporcionar a manifestação dos sentidos desvelados ou fomentados pelo imaginário. No texto “Receitas de olhar”, de Roseana Murray (1997, p. 10), podemos ler: “Palavras são como estrelas/ facas ou flores/ elas têm raízes pétalas espinhos/ são lisas ásperas leves ou densas/ para acordá-las basta um sopro em sua alma/ e como pássaros vão encontrar seu caminho”. A escrita de Murray me leva a pensar em como as palavras possuem o poder de evocar imagens em nós, não só a imagem, mas também a sensibilidade de nos fazer sentir ou ouvir a polissemia na arte e na vida.

A linguagem poética perpassa e amplia os sentidos e sensações, que fazem parte do mundo sensível. “A mensagem poética pode servir aqui de exemplo por se valer da linguagem que se atém mais à riqueza de sentidos de uma palavra na interação da frase” (Carmo, 2011, p. 96). Wenzel e Richter (2019, p. 12), a partir da leitura de Zumthor (2007) contribuem para compreender que:

No movimento languageiro, a fala emerge como ato carregado de sentidos em potência de constituição intersubjetiva. A voz, em sua manifestação performática, no ato do discurso, é constituidora de linguagem. Essa relação pode ser dimensionada ao que o ator realiza no ato da interpretação vocal, pois é uma voz que produz sentidos. É uma voz em presença com potência poética de uma semântica capaz de nos situar na coexistência, na qual [...] o corpo dá a medida e as dimensões do mundo, [...]. É por isto que o texto poético significa o mundo. É pelo corpo que o sentido é aí percebido.

O autor traz o reconhecimento do peso da palavra poética em uma dimensão que situa o corpo, pois o texto poético carrega não apenas a reverberação da voz performática que o entoa como o corpo que a cintila, como entendimento do que – no corpo – é perceptível na evocação da poesia.

A palavra é o mundo, o mundo sensível que a abraça e a evoca com o gesto, a fala e a escrita. Quão importante é a presença da poesia na escola, como ampliação das percepções de ser e estar no mundo, em palavras que permitem vivências e experiências. A compreensão da centralidade da palavra é um dos atributos da poesia, Gerbara (2002, p. 33) trata sobre isso ao afirmar que:

Pode-se então assumir que a linguagem poética é tão única que se renova e se constitui a cada texto, com cada autor — uma universalização de particulares. Porém, com isso não se deseja limitar a compreensão do objeto poético; há em sua estrutura intersecções com o uso comum da língua que fazem com que o conhecimento prévio do leitor seja recuperado, promovendo o movimento de encontro.

Assim sendo, a leitura do texto poético promove um encontro com a leitura de mundo, de forma que manifeste a compreensão do que é dito e, também, do que não o é; o que poderíamos considerar as leituras das entrelinhas fomentadas, a partir das experiências. O universo da palavra poética evoca os sentidos sensíveis da vivência, tanto no que consiste ao emanar da linguagem poética, enquanto gestada quanto na linguagem proferida pelo corpo. E é, também, no espaço e tempo da escola que a poesia favorece a recuperação de experimentações anteriores e a inclusão das vivências, que são concomitantes à coexistência escolar.

5.2 Encontro com a poesia na escola

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens (Arendt, 2016, p. 247).

O encontro com a poesia na escola se torna importante ação educativa, pois permite a entrada ao universo das palavras e estas à exploração dos sentidos e o reconhecimento da linguagem em suas diferentes nuances. A linguagem falada e escrita faz parte do dia a dia da humanidade, que dela faz uso para a comunicação. É a linguagem poética e suas especificidades que a torna essencial para a sensibilidade de mundo e ser mundo, ensejando que ocorra a regeneração das experiências precedentes e o surgimento de outras que emergem ao se situar nas vivências de escola.

A linguagem falada é a que está presente na comunicação cotidiana entre os indivíduos que a utilizam o mesmo idioma. Quando se lê um livro, há o contato com essa primeira linguagem, em que as palavras aparentemente carregam consigo significações claras, uma vez que o autor nos transmite a situações ou ideia através dos signos já nossos conhecidos, pois pertencemos a um mundo cultural e físico semelhante (Carmo, 2011, p. 109).

É relevante pensar a escola como um espaço de abertura para a vivência poética. A poesia ao ser vivenciada na escola pressupõe apresentar uma experiência, para o encontro com o universo de encantamento das palavras, e o que elas nos proporcionam de reflexão e expressão do nosso eu, em contato com tantos outros eus. A linguagem poética nos eleva a contemplação enquanto sujeitos mundo em um mundo. No texto poético, as palavras possuem o magnetismo imagético, que aflora as sensibilidades e chama para o dentro, não o interior propriamente dito, mas o que nos acontece em nosso entorno, de forma consciente e perceptível.

O poético e o artístico reverberam em linguagem, seja escrita, falada ou seja desenhada como produção de sentidos ditos e, também, não ditos nas entrelinhas do silêncio, que as caracterizam e no ecoar do comportamento do corpo, que em resumo a emana em voz, silêncio, cores e linhas.

Se a linguagem comporta silêncios, lacunas, ela nos diz algo mais devido a esses desvios. Essa linguagem silenciosa pode igualmente ter voz tanto na pintura quanto na linguagem verbal. Ocorre que a verbalização tem a sua

peculiaridade: a de quebrar o silêncio e transformar em sentido manifesto um sentido latente. Já o pintor, à sua maneira, tenta dar voz ao silêncio com cores e linhas (Carmo, 2011, p. 111).

Partindo dessa afirmação, a vivência do imagético na escola abastece de significados as manifestações e compreensões de ser e estar no mundo, para que possam ser vivenciadas pelos alunos e lhes permitir habitar um mundo de inúmeras possibilidades de sentidos. A linguagem poética e artística proporciona que o sujeito se volte para dentro e encontre os seus semelhantes. Por isso, a presença do imagético repercute nos sentidos das coisas e aguça o pensamento como parte do ser que o produz; e não, apenas como um ser que reproduz. Um ser que se reconhece dentro de um mundo em que é o próprio mundo.

O poder imagético parte da dinâmica imaginativa provocada por leituras e textos, que evocam que imagens estimulam os sentidos, através de textos poéticos, que são textos que direcionam para o fascínio da Língua.

Para chamar atenção à relevância de refletir sobre a presença da literatura na escola, como presença e acontecimento na ação de ensinar, Tzvetan Todorov (2021, p. 23) afirma, que “ela me ajuda a viver. [...] em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las”. Diante disso, a força do sentido da experiência literária dentro do ambiente escolar, não deixando de considerar as vivências fora desse ambiente. Convém reforçar que as experiências não são vivenciadas apenas no contexto escolar, pois, ao vir ao mundo o sujeito já experimenta o que é ser e estar no mundo. Aqui, vejo como se torna importante que esse aspecto não seja deixado de lado ou desconsiderado, mas que possa ser agregado como continuidade das experiências a serem vividas.

A presença da leitura no espaço da escola pode ser considerada e refletida, como continuidade das experiências de mundo fora desta, nos diversos tipos de leituras realizadas na escola, com intuito de explorar os sentidos. Todorov (2021, p. 23-24) reivindica a presença da literatura no espaço escolar ao afirmar que: “Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo.” O autor pleiteia sobre a necessidade do texto literário no processo educacional, como importante meio para a ampliação da imaginação e do enriquecimento do que somos. A literatura proporciona o reconhecimento de que

somos um mundo e estamos nele, além de corresponder a sensibilidade que torna o imaginário mais vibrante. Como reafirma o poeta Manoel de Barros (2010, p. 11), “Nosso conhecimento não era de estudar em livros. Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos”. A escola, nessa visão de abrir-se para o imaginário, na perspectiva de Bajard (2014) é um espaço interessante para pensar o papel do educador, como aquele que pode proporcionar situações para que as diversas linguagens do texto escrito possam ser exploradas, e que de múltiplas formas sejam experimentadas.

Penso que vivenciar o imaginário na escola é também importante para a aprendizagem de uma Língua, sendo ela também a Língua materna. Não apenas considerar a importância, mas como possibilitar uma aprendizagem que compreenda que o ler e o dizer fazem parte desse processo. Dessa forma, o entendimento da leitura e as formas como são mediadas em sala de aula são importantes para promover o hábito de ler. Assim, como uma leitura silenciosa faz parte da ação de aprender a ler em voz alta, essa realizada no coletivo, também faz parte do ato de ler. Nisto, entendo que o “escutar histórias abre o apetite da leitura” (Bajard, 2014, p. 101). É mensurar como a leitura contada, entoada, falada pode provocar os sentidos “E se, ao invés de exigir a leitura, o professor decidisse de repente partilhar seu próprio prazer de ler” (Pennac *apud* Bajard, 2014, p. 101).

Parte, então, do modo como o professor apresentará as leituras em sala de aula, e isso é deveras impactante para o aprendizado do aluno, pois não há algo mais estimulante do que vivenciar e aprender por meio da experiência. Quando o professor partilha a experiência de ler e o faz emanar do seu mundo, que também é o mundo do outro, essa ação repercute de tal forma, que se transforma em um belo espelhamento de uma experiência para o outro, que a desejará.

Bajard (2014) apresenta as concepções sobre ler e dizer difundidas como pensamento, da leitura ser apresentada na escola em sua dimensão lúdica. Para tanto, levanta questionamentos sobre como as experiências da leitura, em sala de aula, concentram-se em metodologias tradicionais de repetições, de compreensão e interpretação textual mecânica e condicionada a um sistema engessado de perguntas e respostas, que não permitem a liberdade de explorar o imaginário com possibilidades múltiplas de entendimento aberto e crítico do texto lido.

O sujeito frente ao texto, em ambiente escolar, procurará elementos que conduzam à expectativa condicionada como resposta aos exercícios ou à conclusão de uma atividade. Nesse caso, deixa-se de aproveitar o repertório de cada um, pois a tarefa de leitura é estabelecida e direcionada por um agente externo, tornando-se, portanto, alheia ao leitor. Este se reduz, nesses casos, a uma peça do jogo em vez de ser um dos participantes. Essa postura em relação aos exercícios de compreensão de texto, muitas vezes, é apenas o reflexo de uma expectativa: um patamar que todos os alunos devem cumprir. Não se preveem as diferenças individuais, o repertório de cada um, nem tampouco as diferentes realidades em que vive cada leitor (Gerbara, 2002, p. 24).

A restrição ao encontro com textos apenas para a resolução de atividades não possibilita ao aluno uma experiência de leitura, que o considere como sujeito que interage com o texto. Dessa forma, é possível indagar com Bajard (2014, p. 101) “Por que tão poucos professores tentam essa experiência? Eles não estão convencidos de sua utilidade? É importante que o professor abandone a obsessão dos exercícios e consiga assumir essa comunicação dos textos da literatura”.

Ao mergulhar no imaginário da palavra, na dimensão lúdica da palavra, o autor observa que o jogo faz parte da leitura, da ação de saber identificar a demanda proveniente da leitura, reconhecer os tipos de textos, questões estruturais, como: ritmo, rima, personagens, tempo, espaço e fala. Aqui, neste contexto se desenvolve a performance, os sentidos de mundo e da interpretação e reforça a percepção enraizada, que se tem de uma leitura apenas individual entre o leitor e o texto.

A percepção não é, portanto, uma simples inspeção das coisas: é uma antecipação exercida pelo corpo. Se fizermos abstração das contribuições da memória (únicas que tornam possível a alucinação), resta uma ‘percepção pura’ que instala o corpo nas coisas. Ela não se passa em nós, mas bem ali onde parece estar, no meio do mundo, fora. A ciência não é, portanto, competente para estabelecer a teoria objetiva da percepção, pois ela repousa sobre essa própria percepção. A ciência nos remete ao mundo percebido, previamente dado (Merleau-Ponty, 2017, p. 100).

Bajard (2014, p. 102-103) escreve que: “O corpo já manifesta sua presença na produção da voz. Mas, quando os interlocutores estão em presença direta, o corpo inteiro se torna significante da linguagem, pois é um elemento controlado pelo emissor”. O autor, portanto, chama atenção para como o corpo se comporta, diante do texto que se comunica; não apenas com os gestos, mas com a voz, entonação, percepções sonoras e interpretação. Mas não somente o que o autor do texto leva o leitor a percorrer no caminho da interpretação, porém quando também possibilita que o leitor desenvolva suas percepções sobre o texto lido.

Favorecer a abertura para o mundo imaginativo em sala de aula é brincar com as palavras, é permitir uma experiência que transcende ao universo restrito do texto e do aluno. É evidenciar que o texto possa ser interpretado, lido por diferentes vozes, é permitir a teatralidade da voz até mesmo da sintonia com o comportamento do corpo. A compreensão lúdica por parte do professor favorece uma leitura que permite a imersão em diferentes linguagens, que movimentam todo o corpo:

Cabe então ao professor a responsabilidade pelo estabelecimento de condições que permitam o jogo. Ele deve criar um ambiente diferente daquele no qual se praticam exercícios ortográficos ou debates sobre a atualidade. Ele é responsável pela atitude de escuta e de boa vontade por parte dos alunos, condição para a entrada no mundo da ficção. Tanto para o ator quanto para o aluno, esse é um momento sensível, que requer cuidados. Quando as condições são preenchidas, a recitação de um poema, o dizer uma lenda ou trechos de um romance, tornam-se momentos de prazer (Bajard, 2014, p. 103).

A importância das leituras de textos me leva a refletir sobre a participação de outras linguagens, e sobre evitar que se neutralize a expressividade do corpo, pois “praticar o dizer é saber avaliar o peso de cada uma das linguagens que se pretende misturar à Língua. Pode-se optar entre dois limites extremos. Já falamos sobre a representação sem texto” (Bajard, 2014, p. 112). Reunir a palavra, a voz e o gesto contribuem para uma leitura que dá abertura para que o sujeito leitor compreenda a função do livro, da leitura e do ser leitor.

A escola é um espaço de vida em grupo. Não é natural para ela organizar lugares e momentos de silêncio para que a leitura possa ocorrer individualmente. O encontro da criança com o texto pode se ver prejudicado tanto pelo professor que intervém de modo inoportuno, quanto por aquele que, ao se sentir embaraçado pela sua singularidade, o evita (Bajard, 2014, p. 119).

Desde a leitura de poesias na escola, Gerbara (2002, p. 23) destaca ser importante “[...] refletir sobre as atividades de leitura em todas as disciplinas, este estudo se restringe às aulas de Língua Portuguesa, focalizando um tipo de texto, muitas vezes marginalizado por esta disciplina, o poema [...]”. Essa concepção nos leva a interrogar como a poesia é apresentada na escola e para os seus alunos. O cerne dessa investigação é compreender o papel do texto poético e como este é apresentado e abordado, talvez não vivenciado como experiência dentro da sala de aula. De modo geral, a leitura se restringe a uma literatura, que é apresentada de

forma fragmentada, dentro do livro didático do componente curricular de Língua Portuguesa, nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

As fragmentações são apresentadas como apoio textual para o ensino da Gramática e da Linguística, porém, o aspecto lúdico dessa leitura tende a ser deixado de lado, evidenciando uma prática de leitura centrada no silêncio ou “leitura silenciosa”, no qual compete o objetivo de interpretações e compreensão textual. De certa forma, trazendo uma característica engessada que neutraliza as percepções que a experiência com o texto poético pode evocar. Nessa compreensão de restrições aos textos para a realização de atividades, Gerbara (2002, p. 24) contribui ao afirmar que

O texto circula primordialmente em sala de aula por meio do livro didático. Nele, tanto professor como aluno encontram uma seleção feita para um público idealizado, homogeneizado a partir de uma expectativa tanto do autor como do editor. [...] Talvez esteja nesta circunstância a razão do desinteresse que os textos causam nos alunos. Após a apresentação material do texto para a leitura, os livros didáticos abrem espaço para atividades de reconhecimento e compreensão. A experiência que poderia ser obtida com a leitura e reelaborada por meio de troca de opiniões em grupo na sala, deve desembocar nas linhas já predeterminadas da página da seção de atividades, sem que o aluno possa se expressar.

Nesse trecho, o autor nos ajuda a levantar diversos questionamentos pertinentes ao texto que circulam na escola e quais são as circunstâncias de sua leitura. Então, questiono como poderia a metodologia focada no texto poético, levar não apenas à compreensão gramatical, mas à dimensão de mundo? Por que neutralizar um universo de percepções que a literatura pode proporcionar nas aulas de Língua Portuguesa? A poesia só encontra seu lugar em declamações vazias de sentido em datas comemorativas? Como provocar o pensamento poético, a partir do desafio do encontro com a palavra? E a produção poética? Como promover a produção de textos na sala de aula?

Quando alguém consegue romper com essa relação de caráter utilitarista, constata-se que a superação é fruto de um trabalho diferenciado que considera a leitura em suas múltiplas funções e desdobramentos, seja em sala de aula, seja em qualquer outro ambiente (Gerbara, 2002, p. 24).

Ao pensar nessa investigação de rememorar minhas experiências de docente no ensino da Língua Portuguesa, nos Anos Finais do Ensino Fundamental, como narrativa de um caminhar com a turma do 9º Ano, percebi que a superação do utilitarismo da literatura, dentro do universo escolar, parte de uma movimentação de dificuldades.

6 OS CAMINHOS NÃO SE ENCERRAM EM NÓS

Aproveitar o tempo!
Tirar da alma os bocados precisos –
nem mais nem menos-
Para com eles juntar os cubos ajustados
Que fazem gravuras certas na história
(E estão certas também do lado de baixo que se não vê)
(Álvaro de Campos, 2002, p. 299).

Escolhi as palavras de um trecho do poema “Aproveitar o tempo”, de um dos heterônimos mais conhecidos, verdadeiro *alter ego* do escritor português Fernando Pessoa, para divagar pela vida exposta nessas linhas. Sobre o aproveitar do tempo, que nos é concedido para vivenciar e proporcionar experiência para o outro, e no meu modo interpretativo, faço uso do verso: “fazer gravuras certas na história”. E tomo como essa experiência o fazer gravuras certas, compartilhar minhas experiências com o outro, o outro sendo os meus alunos do 9º ano e compartilhar com outros mundos, que aparecem em cada registro deste trabalho e aqueles em que essas palavras aqui contidas ainda irão alcançar.

As palavras têm esse poder de conectar mundos. São esses que crescem e tocam outros mundos como uma reação em cadeia, que provocam outras experiências, assim como as primeiras aulas do Programa de Pós-Graduação germinaram em mim, acordaram memórias adormecidas e reacenderam para que outras pudessem ser vividas. E, ao final dessa etapa de jornada de escrita, deparei-me com o interessante entrelaçar entre a vida e as palavras, que em nós constituem mundos. Destas conexões foram gestadas tantas outras e, desta pesquisa, há esperanças que possam germinar tantos outros mundos.

Ao pensar nisso, trago a memória que os caminhos não se encerram em nós, perpassam o nós, estendem-se ao nosso mundo, que podem até partir de nós, mas nunca foi nosso, pois me arrisco em afirmar que somos feitos de outros eus que passaram por nós e que continuarão a passar. Somos impactados por cada passagem, cada poeira que gruda em nós e se constitui também nós.

Dessa forma, a partir dos parágrafos posteriores a este, apresento a continuidade das ações de vivência cultural da Leitura e da Escrita, desenvolvidas pelo CONSEF, a escola foco desta dissertação. Agora, com a orientação de outros professores, que sucederam a mim e assumiram o papel de fortalecer os vínculos do sentir a palavra, gerando expressões e produções.

Imagem 16 - Acadêmicos do Curso de Letras visitam Exposição de Poesias dos alunos do CONSEF



Fonte: Autora (2024).

Essa constituição de mundo na troca, na interatividade, no compartilhar o nós, apresento na Imagem 16, e ao longo das páginas seguintes, o registro sobre a experiências que vivemos com o outro, e a partir das expressões do outro. Na Imagem 16 registro os acadêmicos do Curso de Letras, futuros professores de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas Literaturas, apreciando a Exposição de Poesias dos alunos da escola CONSEF. São esses momentos que se tornam memórias de aprendizagens dos acadêmicos - por meio de uma vivência - que mergulharão com maior profundidade ao começarem a atuar como professores formados.

Pondero que esses momentos de exposição do pensamento escrito são profundos e consistentes para a vivência da cultura do ler, dizer e escrever. Segundo Montes (2020, p. 236) “É preciso começar a ler o quanto antes. Talvez hoje os livres pensadores façam mais falta do que nunca”. Penso que essa afirmação se torna saqueadora dos lugares comuns, a que a sociedade iletrada já se acostumou. Ainda, por compreender que mais impactante e poderosa é a ação da leitura em um contexto, que não vivencia de forma intensa, e não tem em sua cultura a vivência da leitura como algo primordial.

Essa afirmação não intenciona dizer que não temos produções e nomes, que desenvolvem a cultura da literatura na região chapadinhense, porém remete ao

fato de não haver incentivo e visibilidade significativa para o desenvolvimento de expressões literárias e artísticas de promissores alunos. Na escola, reconheço diversos alunos que se destacam na escrita, na fala, nas expressões corporais, permitindo a reflexão sobre o papel da literatura na escola, como base para o desenvolvimento do que somos, mas em nossa região fica restrito às ações da escola, dentro das quatro paredes ou que são estimulados apenas em eventos comemorativos realizados pela escola. Não como vivência diária, porém, como parte do contexto de escola e da vida.

Falta decerto, incentivo à vivência literária, à cultura do ler que aproxime o aluno das bibliotecas, portanto, do mundo das palavras. De acordo com Montes (2020, p. 254),

[...] perguntar sobre a leitura é perguntar sobre a circulação da cultura em uma sociedade. E também perguntar pela forma como fluem ou não, existem ou não, são concedidos ou negados os bens materiais aos quais essa cultura está ligada: os livros, os jornais, as revistas, os meios de difusão, a educação formal e informal, a arte etc., etc.

Isso me leva a pensar na fragilidade do encontro entre escola e literatura, em especial, entre escola e poesia. Uma fragilidade que impede o encontro com os livros e a leitura, e como isso repercute na formação de jovens leitores. Essa ausência da cultura literária me leva a ponderar sobre o poder que a escrita gera em nós. Conforme Montes (2020), a leitura provoca a curiosidade e a perplexidade, como também, inspira, intriga, sacode, revira e libera do automatismo do controle. A leitura cria a insatisfação que, conseqüentemente, desperta a raiz mais profunda de ser humano, a descoberta ao criar e ao buscar sentido para sua existência e torná-la mais prazerosa. Agora, em minhas palavras, ousa afirmar que são essas inquietações puramente humanas, que mudam perspectivas e hábitos de ser e ver no mundo. Penso em como seria enriquecedor para a região, a vivência mais intensa na perspectiva da movimentação da leitura, e como essa conjuntura transcenderia o que temos agora, e produziria um encontro sensível com as palavras e o mundo imagético.

Partindo desse pensamento, entendo que os caminhos não se encerram em nós, mas se perpetuam em outros e por meio de outros e as pequenas ações, talvez ainda tímidas são tão poderosas para impactar e cativar novos leitores. Porém, ensejo em dizer que a conformidade da realidade, não condiz com o papel a ser desenvolvido pelo docente. Há o desconforto, pois a leitura gera em nós o desejo pela

transformação. A leitura nos transforma em seres inconformados, e isso é um fator positivo que revela a importância de imergir no mundo das palavras.

A Imagem 17 registra a exposição de poesias desenvolvidas ao longo das aulas de Língua Portuguesa e expostas no Dia Mundial da Poesia. A exposição agregou não apenas a escola CONSEF, mas também a comunidade acadêmica da FAP. Como Colégio extensão da faculdade, há intencionalidades de aprendizagens, por meio do compartilhamento de vivências da docência e do ambiente escolar, não apenas pelos estagiários das licenciaturas, mas também os demais cursos presentes na instituição, no intuito de proporcionar a vivência das expressões do pensamento em palavras e em arte. Todorov (2021, p. 77) afirma que

Como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é o pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social que vivemos. A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana.

A escola se configura como um dos espaços mais incisivos de manifestações do pensamento, através da arte e da palavra que são apresentadas a um ambiente acadêmico. Vislumbro como essas ações poderiam se estender para fora dos muros da escola e da faculdade, e pudessem alcançar tantos outros mundos, e entrelaçar pelo encontro as experiências humanas, pois “[...] a literatura faz viver as experiências singulares; [...] preserva a riqueza e a diversidade do vivido” (Todorov, 2021, p. 77).

Imagem 17 - Exposição de poesias desenvolvidas ao longo das aulas de Língua Portuguesa e exposta no Dia Mundial da Poesia



Fonte: Autora (2024).

A literatura permite a memória das experiências do vivido e do que se vive, pois, a leitura e a escrita partem da consciência de nós como seres humanos, que partem das nossas experiências de vida. Montes (2020, p. 207) estende essa compreensão ao afirmar que:

Escrutar o céu, o voo das aves, o rosto de uma pessoa, a textura que a casca de um tronco adota, a deriva do rio é algo muito natural. É natural tentar entender como funciona um motor, uma máquina. A leitura da letra nada mais é do que uma sofisticação dessa outra leitura. A primeira coisa a se ler é aquilo que está aí, o enigma, o mundo. Algum vislumbre dessa leitura que todos nós tivemos. Obviamente, interpuseram-se imediatamente as leituras já forjadas antes da nossa chegada ao mundo, aquelas que são recebidas como legado, as que, já compostas, esperam por nós quando chegamos: formas culturais, instituições, costumes, vestidos, crenças, histórias e, sobretudo, uma linguagem.

Em consonância, delibero que as experiências de vida são o nós e que se estendem além de nós, quando reverberamos em linguagem. As produções poéticas dos alunos do Anos Finais do Ensino Fundamental capturam a exatidão da fala de Montes (2020), pois expõem em palavras poemas que reúnem diversos temas sobre a vida, família, amizade, amor, temáticas carregadas de sensibilidade poética, oriundas da vivência.

As leituras que fazemos, também as produções escritas, não acabam em nós, transcende e impacta o outro. Desta maneira considero que as exposições do que criamos, seja escrito, desenhado, falado, precisando chegar até o outro e propiciar a conexão de mundos. Sempre há o que aprender com o outro, a partir do outro, sendo essas em tantas manifestações artísticas. Nesse sentido de perceber o poderio das palavras sobre nós, ousou apresentar as concepções de Montes (2020) sobre o que mencionada a autora no capítulo “Sozinha na balsa, desenhando o rio”, rememora suas vivências de leituras como um exercício de memória e experimento. Ao discorrer sobre os acontecimentos particulares da história da vida de leitora, Montes (2020, p. 149) escreve, que:

Um acontecimento ínfimo se for colocado dentro do grande contexto dos leitores e das leituras... que, como se suspeita, é infinito, porque é preciso pensar que, assim como eu, cada leitor carrega sua história, que é a soma de todas e cada uma de suas leituras, e que cada livro, cada texto, cada assunto que se oferece à sua leitura – em circunstâncias e modalidades múltiplas que, aliás, de forma alguma podem ser dadas como estabelecidas – também tem uma história, e traz incorporadas todas e cada uma das leituras que foram feitas desse livro, desse texto ou desse assunto, e aquelas que serão feitas também... o que supõe miríades de mapas vivos, de trajetórias, de percursos de leitores – sempre únicos, pessoais, históricos e provisórios

– que vão e vêm, se cruzam, se juntam, se sobrepõem, se rejeitam, mudam, se bifurcam, formando labirintos, constelações de uma sutileza e de uma complexidade quase insuportáveis.

A autora me permite refletir e afirmar que somos feitos, também, de histórias, nossas e de outros, e o quão importante são as leituras que realizamos na vida. São leituras que vão se conectando a outras, gerando um emaranhado de experiências que se conectam de forma coerente em nós, e que se expande em outras palavras como podemos ver nas Imagens 18, 19, 20, 21 e 22. A aproximação dos graduandos em Letras, das produções poéticas dos alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, abre uma porta para a dimensão a ser considerada, pelos futuros professores sobre a cultura da leitura na região e a pensar as intervenções, que podem ser realizadas.

Imagem 18 - Produções poéticas dos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental



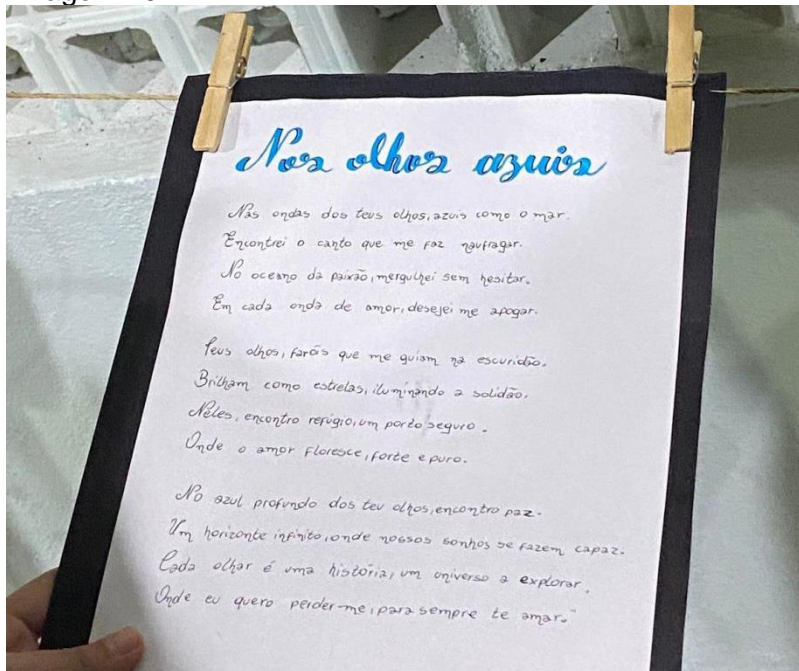
Fonte: Autora (2024).

Imagem 19 - Professores em formação apreciam as produções poéticas



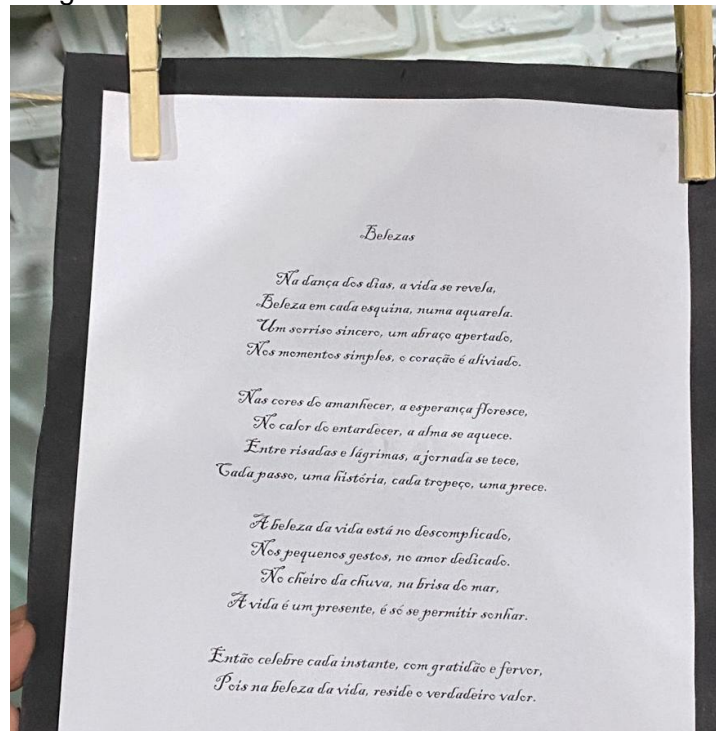
Fonte: Autora (2024).

Imagem 20 - Poesia “Nos olhos azuis”



Fonte: Autora (2024).

Imagem 21 - Poesia "Beleza"



Fonte: Autora (2024).

Imagem 22 - Poesias reunidas.



Fonte: Autora (2024).

Pensando dessa forma, reconheço a infinitude que as leituras produzem em nós, que nos revelam algo que passou por nós, que nos tocam, que nos mudam, nos transformam, sempre há um livro que nos marcou. É a partir dessa complexidade, que Montes (2020, p. 150) rememora suas leituras e se volta para aquela que a mudou como leitora:

No âmbito dessa infinitude, dessa pasmosa complexidade, tem sentido pegar entre os dedos um pequeno evento, aliás, um evento antigo, de uns cinquenta anos atrás, que se refere a um romance sobre o qual tudo provavelmente já foi escrito? Não sei, mas faço uma tentativa. Se conseguir entender algo sobre por que essa leitura me deixou tão marcada, suponho que fará algum sentido... Se não, será outra homenagem – uma homenagem a mais – a um livro que merece todas elas.

Ao ler as ponderações de Montes (2020) sobre os livros que a marcaram, penso nas leituras que me atravessaram e, também, contribuíram para as compreensões de aprendizagens que integraram outras no decorrer desse caminho percorrido. Essas concepções me levam a compreender a necessidade de promover com mais afinco a cultura literária, não somente na escola, mas em outros espaços fora desse ambiente, que permitam chegar não apenas à comunidade escolar ou acadêmica, mas à população da região. Essas ações culturais de aproximação e vivência literárias resultam em uma transformação do pensar, desde as experiências que somos e nos permeia. As ações de leitura e produção escrita que se realizam na escola são práticas que podem ser multiplicadas e engajadas para alcançar outros mundos.

Esse alcance do ato de ler dispara em nós o encantamento e o impacto que a leitura nos causa, e que tem a ver com o poder que se estabelece a partir dela. Ao perceber a validade da leitura, Montes (2020, p. 196) afirma que:

Se acreditarmos que a leitura vale a pena (eu acredito) e que restabelecê-la e redefini-la é algo útil, algo que poderia levar a supor, para todos, alguma forma de libertação do peso do mundo e de suas condições, é importante recuperar o quanto antes o laço da leitura com o poder, seu rosto vivaz, indômito, urticante e até perigoso. E refiro-me tanto ao poder que a leitura significa para quem lê (o que tentarei definir mais adiante) quanto o poder exercido por uma determinada ordem social (penso em sociedades como a nossa, em que há uma apropriação mundo desigual dos bens, materiais e simbólicos) sobre a leitura em geral, o modo como ela é administrada, como os circuitos são organizados, os acervos e os cânones são criados, o fluxo de informação é liberado ou controlado, o imaginário é moldado etc. Controle que não seria necessário se não fosse o fato que a leitura por si só, é poderosa, dissidente e audaciosa.

Talvez seja por essa face do poder da leitura que, por inúmeras vezes, na história e, de certa forma, até aos dias atuais, tem sido vista como algo perigoso. Mas, o que a torna tão perigosa assim? Não seria com ela que se reflete, questiona-se, rebela-se, desvia-se, contraria, toma-se partido de algo? Nessa compreensão, a escola é um dos lugares propícios para desencadear o hábito de se inconformar, através da leitura, e possibilitar o pensamento livre.

O que Montes (2020, p. 199) considera interessante na leitura é a sua face mais inquietante e incontrolável, aquela que a apresenta como sinônimo de magia, “leitura é um poder, ou um contrapoder: o poder de sair para pescar por conta própria, sem permissão. O leitor existe para contrariar o inquestionável, o dogmático, o fixado, o previsível”. Essa é uma das manifestações de como a leitura possibilita que seja manifestado o pensamento crítico, autônomo e questionador. Ler pode ser um ato revolucionário e um pontapé para a não acomodação das massas. Nisto, penso sobre a função social da escola, no que consiste em permitir uma formação de bons leitores dispostos a refletir e levantar conjecturas.

Na Imagem 23, os futuros licenciados em Letras novamente foram convidados a prestigiar a Exposição de produções textuais dos alunos do Colégio Nossa Senhora de Fátima. Sob a minha orientação, nesse momento estando como professora de Literatura Infantojuvenil, os acadêmicos do Curso de Letras analisaram as produções textuais dos alunos da escola aplicação. A exposição foi gestada em alusão ao Dia do Livro Infantil. Novamente foi percebida a insistência em manter as manifestações de escrita e produção voltadas para datas especiais no calendário.

Imagem 23 - Acadêmicos do Curso de Letras prestigiam a Exposição de produções textuais dos alunos do CONSEF.



Fonte: Autora (2024).

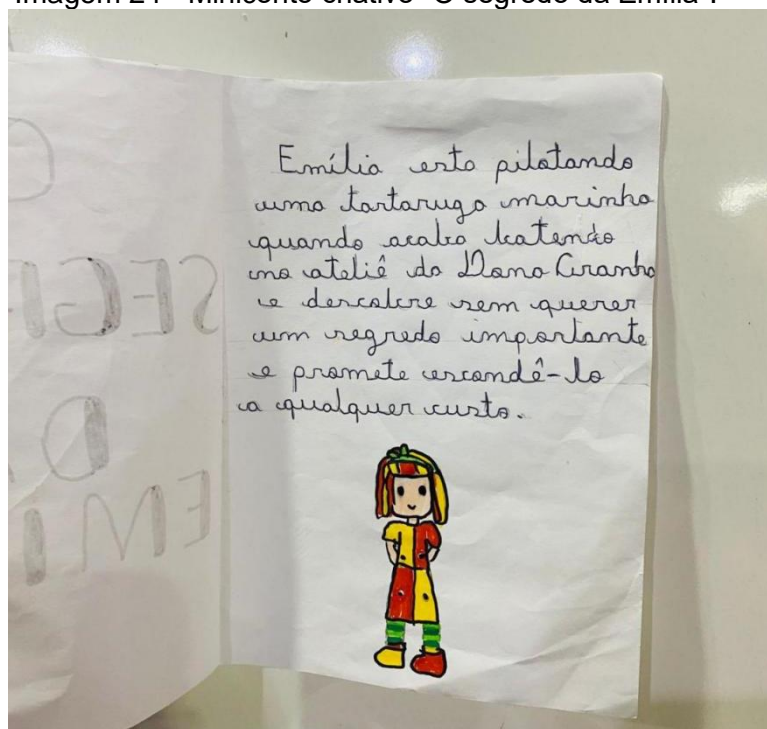
Observo que há uma necessidade de que essa vivência seja contínua em projetos que possam possibilitar tais ações, murais com produções textuais da semana, Clubes de Leitura. Por outro lado, convém reconhecer as ações como inquietantes manifestações, que se espremem para florescer em uma região que não vivencia essa cultura. Torna-se, portanto, relevante ponderar o quanto tais ações podem ser replicadas. E incito em afirmar a continuação da escola em atividades literárias, que viabilizem o desafio à imaginação e à expressão lúdica.

Segundo Montes (2020, p. 254) “para que um objeto circule – um livro ou um automóvel – é necessário um certo espaço em que se possa fazê-lo, um certo tempo em que a circulação possa acontecer e algum agente [...] que impulse”. Em outras palavras, ao tratarmos da cultura da leitura, significa que tais ações voltadas à leitura podem ser mediadas e pensadas dentro de uma perspectiva que corresponda ao circuito da escola, e que considere o envolvimento do aluno.

Na Imagem 24 que retrata o miniconto criativo “O segredo da Emília” revela a perspicácia usada pela aluna, em recontar a história da personagem da conhecida obra do autor Monteiro Lobato “Sítio do Pica-Pau Amarelo”. É interessante observar

que o texto conversa com a imagem, pois mostra a Emília com as mãos para trás, como se escondesse algo, corroborando com o texto “Emília está pilotando uma tartaruga marinha, quando acaba batendo no ateliê da Dona Aranha e descobre, sem querer, um segredo importante e promete escondê-lo a qualquer custo”. Aqui, atento para a capacidade criativa da aluna relacionar palavra e imagem desenhada. É interessante pensar na mediação do professor em abrir o mundo de possibilidades para a recriação de histórias, ao descobrir novos caminhos, nas reconstruções de significações do texto para o aluno, permitindo inúmeras possibilidades de explorar a criatividade por meio das linguagens.

Imagem 24 - Miniconto criativo “O segredo da Emília”.



Fonte: Autora (2024).

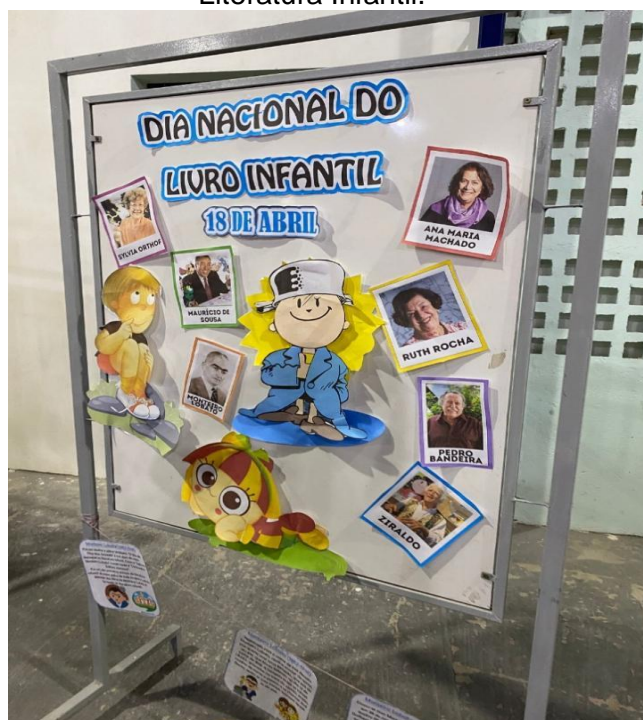
A arte do miniconto “O segredo de Emília” desvela, em minha perspectiva, as inquietações sobre o que a Emília do desenho com as mãos atrás do corpo esconde. Será o segredo que ela descobriu? Perguntas como essas, foram pronunciadas pelos visitantes da exposição e, até mesmo pelos acadêmicos do Curso de Letras. Observo que esses questionamentos produzem em nós a expectativa e a curiosidade, que são características comuns ao impacto que a literatura causa em nós. Segundo Bajour (2012, p. 14-15),

Acreditar que os leitores podem lidar com textos que os deixem inquietos ou em estado de interrogação é uma maneira de apostar nas aprendizagens sobre a ambiguidade e a polissemia na arte e na vida. Nem todos os silêncios precisam ser preenchidos, menos ainda aqueles que constituem o modo de ser de gêneros como o fantástico, o humor e a poesia.

O estado de inquietude e de interrogação é um dos estados mágicos que a literatura exerce sobre nós e nos encanta como seres, que se envolvem no desejo pelo que lhes é desconhecido. A exposição dos textos trouxe, para mim, o vislumbre da dimensão que a multiplicação de ações como essas podem enriquecer o conhecimento cultural na região, e como podem incentivar a produção escrita, provocando a experiência artística. Trata de uma maneira de transmitir culturas, a aprender os silêncios dos textos e demonstrar as possibilidades artísticas.

A Imagem 25 representa o que venho questionando ao longo desta escrita, sobre as movimentações dos pensamentos humanos que na escola estejam voltados para as datas comemorativas. Ainda há a urgência de promover a leitura e a escrita, apenas com o intuito de explorar tais datas, o que nos leva a questionar, se não houvesse esses dias especiais no calendário haveria, não obstante, as manifestações de produção e leitura de textos?

Imagem 25 - Exposição sobre os grandes autores da Literatura Infantil.



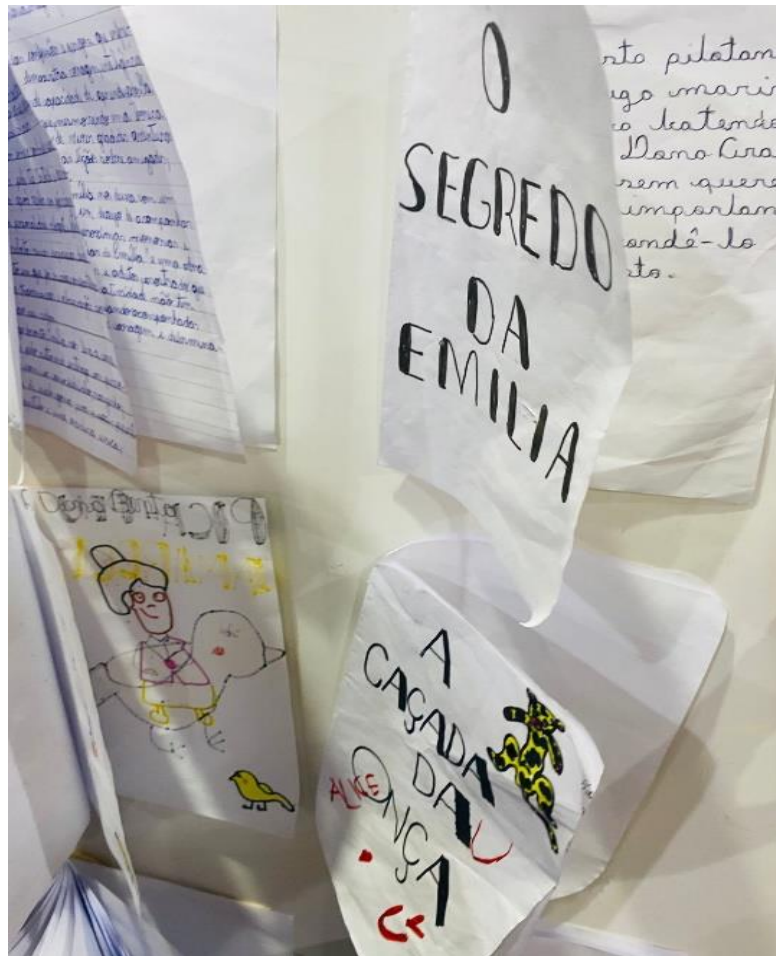
Fonte: Autora (2024)

Montes (2020, p. 260) questiona:

Será se ainda haverá espaço para os leitores? Porque os leitores são as pessoas curiosas, irritantes e enxeridas. Pessoas que fuçam, abrem portas, atravessam limiares, pulam cercas. São pessoas que incomodam, sempre discordantes, inquietas. Poucas pessoas são menos controláveis do que um leitor... é por isso que me pergunto se haverá espaço pra elas?

Ainda tento esperar que o humano possa encontrar formas diversas de expressar seu mundo e o mundo que vive om outros. Porém, penso, estremeço e receio acreditar que a cultura escolar poderia não vivenciar esses momentos significativos de construção do imaginário, de intensa riqueza de construção de sentidos. Na Imagem 26, observo a importância da percepção de mundo e da construção de sentidos a partir da leitura e produção de textos.

Imagem 26 - Exposição de produções textuais dos alunos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola CONSEF.



Fonte: Autora (2024).

Além das exposições das produções textuais, a escola também vivenciou no Dia Nacional do Livro Infantil, as apresentações teatrais de contos infantis, como: “Os três Porquinhos” retratado na Imagens 27 e 28; a obra “O Menino Maluquinho” do autor nacional Ziraldo Alves Pinto. O teatro na escola também é uma manifestação literária, que envolve o corpo e a sensibilidade de quem ouve e de quem interpreta. Levar em consideração o momento sensível das experiências de leitura e arte, que envolvem imaginar os cenários, exercitar a entonação verbal, as ações dos personagens e, tudo isso, é linguagem. Desta forma, compreende-se em diversas formas, a obra a ser encenada.

Imagem 27 - Encenação de clássicos histórias da Literatura Infantil.



Fonte: Autora (2024).

Imagem 28 - Encenação da obra “O menino Maluquinho”, de Ziraldo.



Fonte: Autora (2024).

A partir dessas fotografias, pondero sobre o espaço social de leitura e como sua representação na sociedade vem perdendo espaço, dentro de um sistema que rege a todos. Quando Montes (2020) fala que toda a prática social é entrelaçada por sistemas, e isso inclui o sistema educacional, e nesse entrelaçamento a leitura exige ser considerada, também, no que consiste no acesso aos livros e se a escola oportuniza e estimula esse encontro. Nas palavras da autora:

Levar em conta essa complexidade e essa simultaneidade de sistemas serviria para desmascarar muitas hipocrisias correntes: funcionários que enchem a boca com a defesa da leitura, mas não fazem nada para proporcionar livros ou oportunidade para que a população entre em contato com eles, pais que acusam seus filhos de não ler quando, na verdade, quem não lê são eles, bibliotecas, escolas sem livros, programas de leitura como muitos discursos e muito poucos livros, meios de comunicação nos quais se lamenta que as pessoas leiam tão pouco, mas que nunca incluem resenhas de livros em suas colunas etc (Montes, 2020, p. 263-264).

Nesse sentido, compreendo a importância de apresentar mundos e possibilidades de sentir, que fazemos dos outros. Como haverá reproduções de comportamentos do hábito de leitura, se todos ao redor não priorizam a leitura, ou simplesmente não cultivam o hábito de ler? A ausência desses exemplos contribui para o afastamento da construção de sentidos que nos representa, pois, a leitura representa o que estigmatizamos. Sobre a preocupação com atual posição da leitura

na sociedade, Montes (2020, p. 264) expõe que “Minha ideia é que a leitura perdeu seu velho significado social e não consegue construir um novo, que corresponda ao mundo contemporâneo”.

Seguindo as ideias da escritora, as inquietações sobre a leitura na escola, além do condicionamento as datas comemorativas, penso que na urgência e na necessidade da leitura na escola contemporânea há celeridade, em ver a leitura como entremeio da alma e da sua função social de nos sacudir para as vivências. Como professora, insisto em desenvolver ações que oportunizem a construção de significados para a leitura. Mas, a preocupação sobre o impedimento do desenvolvimento da cultura da leitura em um contexto social moderno permanece no estado latente. Como produzir sentidos de leitura?

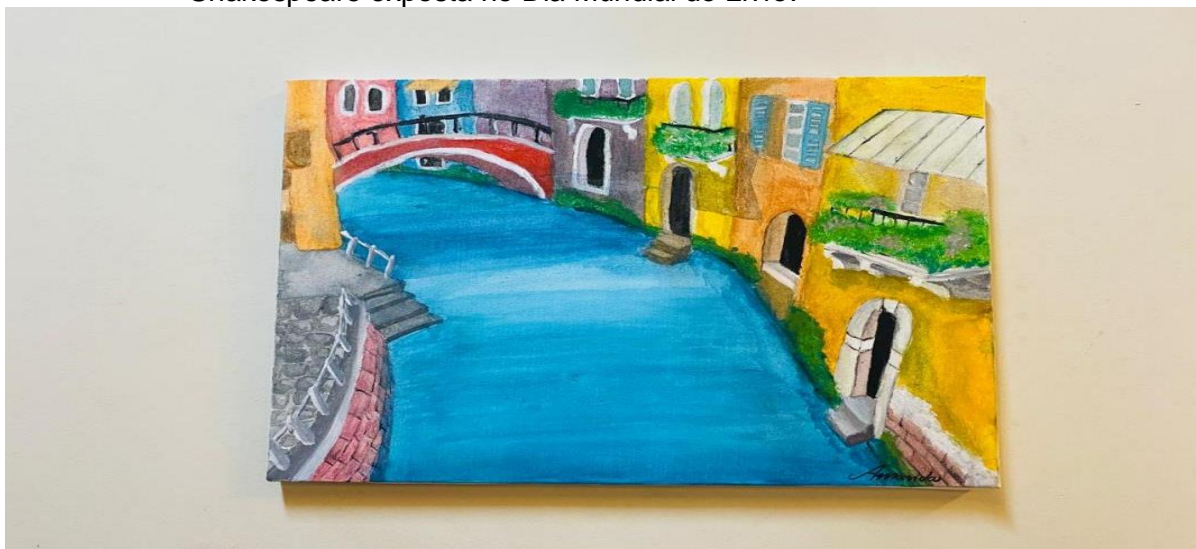
Ao afirmar que os caminhos não encerram em nós ou nos espaços que ocupamos, faço menção às ações que continuam a ser desenvolvidas no CONSEF após o fim das minhas atividades docentes nessa escola e, nisto, reafirmo o sentido que os caminhos somos nós, onde estivermos. Diante desse pensamento, desenvolvi ações (aqui já mencionadas, ver imagens 3, 4 e 5 por meio de projetos de leitura e construção de sentidos, no IEMA, em que estou como professora).

Todas as ações já mencionadas estiveram ligadas à produção escrita e à provocação do imagético, vale apontar que essas dissociadas de datas comemorativas. Isso nos demonstra que podemos, sim, nos afastarmos do condicionamento das datas e propor ações/projetos contínuos para a vivência da leitura na escola. Entretanto, a última ação desenvolvida, por mim, esteve relacionada ao Dia Mundial do Livro, e novamente realçamos a força que tem o calendário para condicionamento das ações de leitura. Escolhi narrar essa ação que antecede a conclusão deste trabalho, na intenção de refletir sobre os caminhos que estão em nós, que se estendem por onde passamos, e que não se encerram em nós, pois outros darão continuidade.

O Dia Mundial do Livro registrado nas Imagens 29, 30 e 31, desenvolvido no IEMA, teve como intuito dar continuidade às ações voltadas à leitura e à produção artística. O evento foi realizado no dia 23 de abril de 2024, tendo como foco as obras do autor inglês William Shakespeare, e contou com exposição das principais obras, apresentações teatrais, declamações de poesia autoral, produções de telas. Uma iniciativa que proporciona o desenvolvimento das habilidades de elaboração da

comunicação por meio do discurso oral, o uso do corpo para explorar as diferentes linguagens e, também, a criatividade artística.

Imagem 29 - Tela em tinta guache alusiva à obra O Mercador de Veneza, de William Shakespeare exposta no Dia Mundial do Livro.



Fonte: Autora (2024).

Imagem 30 - Decoração alusiva ao Dia Mundial do Livro.



Fonte: Autora (2024).

Imagem 31 - Exposição sobre as mais conhecidas obras de William Shakespeare.



Fonte: Autora (2024).

Pode-se perguntar se há ainda espaço para o leitor hoje, e ousar apresentar a imagem que Montes (2020, p. 274) faz desse contexto.

Um menino, uma menina lendo um poema de amor no trem, perseguindo um romance no espalho da escuridão que corre entre duas estações de metrô, recomendando um ao outro um ensaio surpreendente e iluminado, ou tentando caminhos pela *web*, a grande teia, na esperança de se deparar com algo um pouco além da superfície, algum vínculo inesperado, alguma chave, Leitores todos. Todos, no fundo, iguais ao garotinho que apoiando-se em seu dedo para não cair no vazio, tenta encontrar a chave da letra e desvendar o mistério.

Esse belo retrato é uma esperança de futuro, pois quando consideramos as inquietações humanas, nas suas necessidades de descobertas e suas buscas por sentido, terá lugar e espaço para a leitura. Ainda é possível ver alunos que procuram a biblioteca, que carregam livros e os devoram nos horários de recreação. Parece, aos nossos olhos, um ser estranho em um amontoado de jovens com o rosto fincado nas telas dos smartphones, que mesmo que alguns o utilizem para a leitura do e-books, a maioria opta por utilizar os dispositivos apenas para jogos e interações nas mídias sociais.

Na minha última visita à escola que atuo como professora, constatei grupos de alunos na biblioteca da escola, uns lendo, outros que participam do Projeto

Biblioteca Ativa, cuidando da organização e manutenção da biblioteca, controlando as entradas e saídas dos livros. O projeto também possibilita por meio de suas ações como destaques do mês – alunos que mais leram livros no mês, que recebem medalhas em 1º, 2º e 3º lugar. Essa ação foi pensada como convite à leitura e visitas à biblioteca:

Se há lugar para a teimosia, para a memória, para a insatisfação e a busca, há lugar para o leitor. Se em meio às solicitações, ao bombardeio de mensagens, à fragmentação quase intolerável, à falsa variedade, à profusão globalizada, há quem ainda escolha, se demore, tire a escória, busque sentido, construa seu relato, há leitura. Se tudo se torna 'surfe' manso e consumo obediente a leitura – obrigatoriamente – desaparece. Não haveria lugar para ela, que sempre foi, por definição, orgulhosa, um tanto feroz, desobediente (Montes, 2020, p. 274).

Pensando na importância de o exemplo para construção de sentidos da leitura serem incorporados no cotidiano, no Dia Mundial do Livro, apresentei a Coletânea Poetize 2024, da qual fiz parte com diversos autores brasileiros, no intuito de incentivar a produção de textos poéticos e a leitura de livros (Imagem 32). Como poderemos cativar nossos alunos para o cultivo do ler, se não somos o espelho desse hábito? Dentre a preocupação sobre a resistência castigada do livro físico nesse cenário virtual, podemos afirmar que ler livros é um ato de tenacidade.

Imagem 32 - Apresentação da poesia publicada na Coletânea Poetize 2024.



Fonte: Acervo da autora (2024).

6.1 Entrelace entre a leitura e o vivido como experiência de mundo

Penso a escola como um dos palcos da vida em que o entrelaçamento das experiências que vivenciamos consiste nos atravessamentos que a literatura nos proporciona. Um mundo que entrelaça ao vivido, nas palavras de Todorov (2021, p. 66), a literatura para “criar, partindo do material bruto da existência real, um mundo novo que será mais maravilhoso, mais durável e mais verdadeiro do que o mundo visto pelos olhos do vulgo”. Nisto consiste a percepção de que as experiências nos constituem e nos ajudam a nos situar ao promover sentidos nos cotidianos que vivemos e compartilhamos.

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (Todorov, 2021, p. 66).

O poder de encantamento que nos atravessa e permanece em nós, que pode proporcionar sentidos e anseios humanos, diz respeito à experiência da liberdade de expressão do pensar, e de se colocar como mundo em outros mundos. Essa talvez seja considerada a mais preponderante razão pelo sentido educacional, em encorajar a presença do texto poético e da leitura em todos os meios e espaços: a ação de pensar. A literatura nos instiga a pensar, a degustar a palavra e a relacionar com o que somos e o que fazemos, como afirma Montes (2020, p. 268):

Ler parece sempre supor encontrar uma clave, uma chave. Interpretar sinais, perseguir o sentido. Ver o outro lado das coisas. Fuçar e cavar. Perfurar, espriar-se, criticar e tecer, construir um relato. Só que o que se vê hoje não parece ser crítica ou argumentação, nem raciocínio ou narração - refiro-me sempre à nossa estrutura de sentimento, mas o consumo, o fugaz, o acúmulo desfeito, o fragmentário, o espetáculo. Não manifestamos e volto a me referir sempre à estrutura de sentimento da época - maior interesse pelas causas, pela história dos acontecimentos, pela razão de ser, pelas tramas, pelas consequências, mas, antes, nos dedicamos a beber em grandes goles as novidades. O tom parece ser assim, efêmero e voraz: consumir, sem causas nem consequências.

A autora me faz refletir a relação entre literatura e memória, entre palavra e memória ou o que em nós permanece para que possamos transformar em “uma clave, uma chave”, que permita perseguir sentidos que entrelacem a experiência do

vivido e do que se vive. Um modo poético, no sentido que lhe dá Zumthor (2018, p. 105), ou seja, “relativo, não às figuras da linguagem como tais, mas como uma maneira de conhecer o mundo, uma modalidade eminente do saber”. Um modo de conhecer o mundo, no qual o presente surge de um passado que “se oferece a nós como uma mina de metáforas com a ajuda das quais, indefinidamente, nós nos dizemos” (Zumthor, 2018, p. 97). Nesse sentido, o autor afirma que o saber é um lento sabor, sempre implicado em uma corporeidade do conhecimento ou, então, como isto que em mim pensa. Uma linguagem que surge “(e talvez a suscite), da visão, da audição e do inefável contato do qual nasce o amor; ritmos do sangue e do batimento das vísceras, inseparáveis de todo surgimento de uma imagem” (Zumthor, 2018, p. 104). Daí a compreensão da importância da experiência poética na escola, como expressão do corpo com o uso da voz para dar vida a palavra escrita e proferida.

Uma afirmação consoante com a de Merleau-Ponty (2018) que concebe nosso corpo como uma reunião de significações vivas e entrelaçadas, e, por isso, a poesia é uma modulação da existência pois considera não apenas as palavras, mas os pensamentos do sujeito do discurso, que envolve os gestos, a fisionomia, o sotaque, ela se vale do corpo expresso que exige a presença da palavra, o encontro direto no qual “não se pode distinguir a expressão do expresso, cujo sentido só é acessível por um contato direto, e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial” (Merleau-Ponty, 2018, p. 209-210).

A palavra tomada como presente e presença encarnada constitui, no pensamento de Zumthor (2018, p. 77), “um *corpo-a-corpo* com o mundo. O mundo me toca, eu sou tocado por ele; ação dupla, reversível, igualmente válida nos dois sentidos”. Os caminhos para que a vivência da poesia e da leitura no espaço e tempo da sala de aula e da escola se constitua como uma experiência poética que envolva o surgimento de imagens e sentidos do mundo. E do mundo das palavras passa pela compreensão de serem “da ordem da sensação e que, por motivos quaisquer, não afloram no nível da racionalidade, mas constituem um fundo de saber sobre o qual o resto se constrói” (Zumthor, 2018, p. 78). As palavras que têm o poder de evocar a sensibilidade de pensar e produzir imagens, essa experiência poética que mexe com as palavras e seus contextos proporciona o surgimento de novos cenários, oriundos da experiência de leitura.

A narrativa fenomenológica apresentada nesta dissertação rememora o impacto da construção de sentidos, na exposição PalavrArte. Esta descrição partiu da

iniciativa de interrogar a experiência poética no CONSEF, para pensar nas sutilezas das palavras para a manifestação do vivido e das experiências de mundo, minhas e dos alunos. Ao propor a construção de poemas no coletivo, a partir da atenção às palavras, eu pude perceber a sensibilidade poética emitida em cada frase construída, o sentido empregado para a elaboração do texto e do surgimento das imagens gráficas e pictóricas, em cores e texturas. Tal sensibilidade e surgimento de sentidos consiste em uma experiência para além da sala de aula, não condicionada ao componente curricular, mas uma ação extensiva que permitiu o ato singular de compartilhar as produções com outros mundos.

A proposta PalavrArte produzida e realizada com alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental, no ano de 2022, possibilitou o entrelace entre o texto e a imagem ao evocar as memórias dos alunos, as quais foram compartilhadas com o público como uma partilha da própria construção de mundo. Para tanto, a escola continua a desenvolver ações para a vivência da cultura do ato de ler na escola, através e por meio de projetos de leitura e de exposições, que valorizam a produção de diversos tipos de textos, como: crônicas, contos e poemas.

Para a finalização provisória desta escrita retomo a afirmação de que “Os caminhos não se encerram em nós”. Todas as ações narradas perfazem um percurso de estudos, como projeções de outras ações que me atravessaram e ficaram em mim. Desde a minha jornada ao adentrar neste mundo, e ao encontrar nas etapas dessas jornadas guias que posso chamar de família e professores, fui abraçada pela magia das palavras sentidas, evocadas, gritadas, sussurradas, germinadas, gesticuladas, desenhadas.

As experiências de leitura nos constituem, nos orientam e direcionam, oferecem indícios de sentidos que nos colocam no mundo. Nas palavras de Todorov (2021, p. 94), “A nós, adultos, nos cabe transmitir às novas gerações essa herança frágil, essas palavras que ajudam a viver melhor”. Nisto, consistem minhas palavras: estender os atravessamentos que não podem ser as mesmas experiências, pois ninguém vive a mesma experiência, mas podem ser compartilhadas, como nesta dissertação, tantos momentos narrados e registrados do mundo das palavras em suas diversas aparições em linguagem.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo; revisão técnica e apresentação Adriano Correia. 12. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- BAJARD, Élie. **Ler e Dizer**: compreensão e comunicação do texto escrito. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- BAJOUR, Cecilia. **Ouvir nas entrelinhas**: O valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BARROS, Manoel. **Menino do mato**. São Paulo: Leya, 2010.
- BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem**: educação democrática para um futuro humano. Autêntica, 2023.
- CALVINO, Italo. **As seis propostas para o próximo milênio**. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMPOS, Álvaro de. **Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CANTINHO, M. A neve das palavras. **Espéculo. Revista de Estudos Literários**, [S. l.], v. 10, n. 30, 2005. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero30/aneve.html>. Acesso em: 12 dez. 2023.
- CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau-Ponty**: uma introdução. Tradução de Paulo Sérgio do Carmo. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2011.
- CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CONTRERAS, José y PÉREZ DE LARA, Nuria (comps.) **Investigar la experiencia educativa**. Madrid: Morata, 2010.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 45. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 29. ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FRONCKOWIAK, Ângela. **Com a palavra, a palavra**: crianças e adultos em convívio poético. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/83831>. Acesso em: 12 dez. 2023.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola**: leitura e análise de poesia para crianças. São Paulo: Cortez, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Universitária São Francisco, 2003.

KOHAN, Walter. A música da amizade: notas entre filosofia e educação. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 43, n. 2, p. 195-206, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/30840/pdf>. Acesso em: 12 dez. 2023.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC#>. Acesso em: 12 dez. 2023.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LARROSA, Jorge. Una lengua para la conversación. *In*: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (coord.) **Entre Pedagogía y Literatura**. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2005, p. 25-39.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MENEZES, Ana Luiza Teixeira de; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; SOUZA, Fátima Rosane Silveira de. **Aprendizagens interculturais e produção de sentidos na educação e na psicologia**. Porto Alegre: CirKula, 2021.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A união da alma e do corpo em Malebranche, Brian e Bergson**. Tradução de Sílvio Rosa Filho, Thiago Martins. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto R. de Moura. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**: Maurice Merleau-Ponty. Tradução de Paulo Neves, Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MONTES, Graciela. **Buscar indícios, construir sentidos**. Tradução de Cícero Oliveira. Salvador: Selo Emília e Solisluna, 2020.

MURRAY, Roseana. **Receitas de olhar**. São Paulo: FTD, 1997.

PAES, José Paulo. **Um poema puxa o outro**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

PESSOA, Fernando. **Heróstrato e a busca da imortalidade**. São Paulo: Assírio & Alvim, 2000.

REZENDE, Antonio Muniz de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

RICHTER, Sandra R.S. Docência e formação cultural. *In*: BAPTISTA, M. C *et al.* (org.). **Leitura e escrita na Educação Infantil**. Brasília: MEC; SEB, 2016. v. 2, p. 13-54.

SKLIAR, Carlos; RIBEIRO, Tiago. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação Em Educação da UCDB**, Campo Grande, v. 25, n. 55, p. 13-30, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/1484>. Acesso em: 12 dez. 2023.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2021.

WENZEL, Rafaela Aline; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Entre a Presença do Ouvir, Sentidos a Escutar. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 1-22, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbep/a/kQ4msc6cDsvH33zwQdcBr7w/?lang=pt> Acesso em: 26 de outubro de 2023.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: Ubu, 2018.